

Washington Luis

POLI CAMPUS JUNHO '73



POLICAMPUS

- allen (1P7)
- anacleto (1P7)
- aron (1P7)
- bacalhau (3Pr)
- balthazar (4Ci)
- carlos (1P8)
- cascao (2Me)
- fernando (4Pr)
- guido (2El)
- izutama (1P5)
- lapa (1P8)
- liane (5Qu)
- luís (1P-)
- madeira (1P7)
- niida (1P3)

equipe

colaboradore

- marcio (2Pr)
- otávio (2Pr)
- S antônio (1P7)
- alfredo (1P7)
- arthur (2Ci)
- Zulmir (1P-)
- márcio (A.A.R)
- rogerio (4Ci)
- andre (2Ci)
- marcão (5El)
- pig (2Na)
- doudou (2Me)
- chang (5El)
- f o t o s { curral (1P6)
- { emmanuel (com.)

Discussões da pauta, "filhos da puta por que é que ninguém concorda comigo", o dedo duro de bater artigos, as paqueras com as secretárias, a dificuldade na hora de por para o papel. O gravador a tiracolo "por gentileza nós somos do Poli-Campus", pegui sa nos sub-mundos da informação, no meio da reunião: "voce sabe aquela do papagaio?"... O relacionamento com outras pessoas, a criatividade na diagnosticação, os cafes no Belo, novos amigos, o prazer de ve-lo pronto, "já que voce perguntou eu falo, tá uma merda"

Acontece mais ou menos tudo isso, no trabalho da feitura do Poli-Campus.

Um trabalho em equipe, com gente fazendo e se conhecendo. Com um objetivo: a arte de se informar.

Uma equipe acima de tudo, a berta pra quem queira participar.

Esse primeiro semestre saíram tres Poli-Campus. Para o próximo as perspectivas são melhores

Gostaríamos de ouvir criticas, palpites e sugestões para poder melhora-lo. Portanto nao tenha medo, se voce for inquirido de dizer: "já que voce perguntou eu falo, tá excelente"!

f o t o s

SECR

▷ Ginio: teco
▷ Atletica: regina

diretoria do G.P.
pessoal do D.L.P.

BOLETIM INFORMATIVO

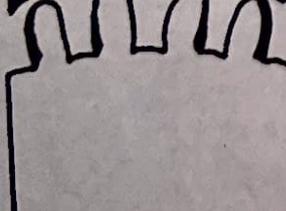
- frões (5Ci)
- j. e. (4Me)
- pig (2Na)
- tadeu (4Qu)

COLABORADORES

{ guido
niida

PONTE

FERNANDO



- tomita (5El)
- baixinho (3El)
- gões (3Mc)
- sergio (Eng. Minas)
- guido (2El)

EDITORIAL

Ao término deste 10 semestre, qualquer retrospectiva do trabalho desempenhado pelo Grêmio Politécnico gestão 1973, não poderia deixar de lado os sérios entraves causados pela conjuntura política brasileira, em nossos empenhos estudantis, a ponto de vermos desviados dos problemas de sala de aula, vivência, etc., enfim, desviados da nossa atividade legítima de transformação da Universidade.

Em particular, o desenvolvimento desses entraves nesse semestre registrou-se numa escala sem precedentes nos últimos quatro anos contra o centro renovador científico e cultural que é a Universidade de São Paulo.

Entretanto, a certeza de termos em nossa participação na cultura e na política universitária um dos requisitos fundamentais para a construção de uma Universidade voltada para os interesses sociais e para concretizarmos como verdadeiros estudantes, não fez com que nossos ânimos fossem abalados, e conseguimos cumprir parte do nosso papel.

Assim foi que estivemos colaborando com a Associação Atlética Acadêmica Politécnica no incremento da atividade esportiva internamente à Poli, ao mesmo tempo em que a constância das atividades culturais procurava enfatizar aspectos polêmicos da conjuntura nacional e criar condições de acesso aos politécnicos e universitários em geral, em apresentações artísticas. Grande parte das promoções foi efetivada conjuntamente com outros centros acadêmicos da USP, procurando dessa forma quebrar o isolamento entre pessoas de áreas diversas de estudo, dando um verdadeiro sentido de vida universitária para essas atividades.

Felizmente, em meados do semestre, retomou-se o contato de forma sistemática com os alunos da Escola através dos centrinhos e deidas em classes, ao mesmo tempo em que atuávamos com outros centros acadêmicos da USP e intercambiávamos informações com escolas de engenharia de outros estados do Brasil. Essas atuações intensificadas, criarão condições para analisarmos o ensino universitário e traçarmos a perspectiva do ensino de engenharia no país, problemas estes de suma importância e que merecerão destaque no próximo semestre.

GRÊMIO POLITÉCNICO

NUMA MANHÃ DE SOL

(Corredor, porta da sala de aula fechando-se lentamente)

-Não 'tou entendendo mais nada do que ele 'tá falando.

-Não 'tou nem aí, o Gegê 'tá mandando horrores. No dia da prova, já reservamos nossos lugares...sebe... Nessa eu não fico em D.P., mas honestamente 'tou nas nuvens nessa matéria.

-Vamos tomar um café no bar. Sabe "che", 'tou começando a entrar na tua dormir na aula, oolar. O diploma vem mesmo. Que qui eu tenho que esquentar a moringa.

(Passam na Atlética, cheia de gente; já tem formada a 13ª dupla de ping-pong e a 7ª de pebolim.)

-Cê viu como tem gente da nossa classe? Sobrou uns 10 para assistir aula. É... como eu 'tava dizendo, estamos no mesmo barco, no mesmo mar. Tem uns négo que ainda fala que querem ficar na margem olhando os outros nadar. Os caras não percebem que 'tamos bebendo a mesma água.

-Cê 'tá com pinta de filósofo, mas achei legal o que você falou...Olha (aponta para o cartaz) dia 30 tem festa junina lá na História.

-No arraial da História. Dizem que no ano passado teve muito sangue azul feminino.

Tendo essa realidade na Escola é que o Grêmio tentou iniciar um trabalho junto ao 1º ano de troca de experiências em relação ao comportamento aluno-matéria, aluno-comunidade da Escola. O que foi visto é que a turma do 1º ano tinha muitas idéias, muita vontade, ligada a uma certa inibição, uma desconfiança em relação a trabalhos coletivos e uma série de comportamentos que todos nós herdamos do curso secundário e do cursinho (concorrência, uma criatividade não incentivada, portanto um tanto atrofiada, uma falta de uma prática cultural, portanto uma formação deficiente até mesmo na perspectiva da nossa própria profissão de engenheiro). A realidade da passagem do curso secundário para o universitário foi nua e crua. O que se presenciou logo no primeiro mês é

que estávamos em um outro barco com problemas diversos e diferentes. Veteranos e bichos eram realmente elementos distanciados.

Não havia muitas portas abertas ao novo politécnico por mais realizações que se propusessem para eles. A Comissão de Trote nessa altura já não se fazia sentir. Além disso os acontecimentos ocorridos no início das aulas (a morte do estudante e várias prisões na universidade) contribuíam no desentrosamento humano dentro da Escola. E, não há dúvida que a falta de integração no 1º ano da Poli se reflete nos anos posteriores.

No transcorrer do semestre, problemas específicos começaram a surgir dentro das classes. Em algumas delas levou-se um trabalho que se refletiu na impressão de algumas painelas, na feitura de cartazes espalhados pelo Biênio, numa campanha pela limpeza dos bares, em campeonatos esportivos internos e com outras classes, na formação de comissões para contacto com os mestres.

Tudo isso resultou principalmente da união da turma e mostrou que, por exemplo, se a matéria é chata ou o professor não se comunica, a solução não é sair da aula ou ir dormir lá no fundão, mas exigir melhores aulas dia logando com todos, pois por incrível que pareça o aluno tem força na Escola.

É dentro dessa perspectiva que o Grêmio convocou representantes de cada turma para uma reunião onde tirou-se uma proposta de realização de um caderno completo sobre opções dentro da Engenharia, que sairá no 2º semestre.

Para depois das férias, há várias propostas saídas da turma do 1º ano e dos veteranos. Uma delas, é que cada departamento do Grêmio retome o trabalho. Por exemplo, o Grupo de Teatro faria um curso de teatro, o de Cinema traria um pessoal especializado para dar um curso básico, e assim por diante. Nessa altura do campeonato, a turma se conhecendo melhor possibilitaria um trabalho mais amplo, com o levantamento de propostas saídas de dentro das classes. Seria uma espécie de um Festival Cultural, inclusive com concursos de fotografia, a formação de uma banda de música que sairia em caminhões da Casa do Politécnico e viria até a Poli.

Tudo isso são planos que necessitam melhor elaboração e uma maior discussão nas turmas. Só assim poderemos levar adiante a realização desse Festival.

QUATRO MESES DE CULTURA

ARENA RE-CONTA ZUMBI
FEIRA DE LIVROS
LETARGIA - GTP
RAIMUNDO R. PEREIRA - EDITOR DO "OPINIÃO - PALESTRA
RICARDO BANDEIRA - "O QUE FAZER COM A MINHA JUVENTUDE"
ALVARO VILLAS BOAS - PALESTRA
PROF. MARTINS - REFORMA UNIVERSITARIA NA POLI
PESSOAL DO CEARA
GRUPO DE MUSICA DA POLI
CARMEM JUNQUEIRA - PALESTRA - INDIOS
RICARDO BANDEIRA - "AUTOBIOGRAFIA PRECOCE"
SIDNEY MILLER
BALLET DE RUTH RACHOW
RICARDO BANDEIRA - "EU, MAIACOWSKI"
GILBERTO GIL (CCA)
GRUPO EXPERIMENTAL DE PERCUSSÃO
NELSON CAVA UINHO (CCA)
CAPOEIRA
CORALUSP
FESTA JUNINA (CCA)

Tivemos na Poli, várias atividades culturais; musicais, shows, teatro, palestras e etc., desde o começo desse ano. Essas atividades não foram fatos isolados, mas parte do trabalho integral do Grêmio Politécnico. Afinal não é esse também a função de um grêmio? Fazer com que a escola deixe de ser um prédio frio aonde só se vai assistir aulas, fazer relatórios, perfurar cartões.

A atividade cultural, fixa o aluno à Escola, faz com que ele tenha um maior relacionamento com seus colegas, conheça outras pessoas, dialogue, amplie a sua cultura geral, além de fazer sua higiene mental. Vivemos em uma época em que se estimula o individualismo e onde o egoísmo passou a ser uma virtude e qualquer coisa que vá contra esse individualismo é um atentado contra o Sistema. Uma prova disso é que se dependesse da reitoria não haveria quase nenhuma atividade cultural na USP; existe uma

portaria que obriga os estudantes a pedirem autorização para qualquer show, peça, etc.. Além disso, as instruções extra-oficiais são de negar essas autorizações. Os Centros Acadêmicos da USP têm ignorado essa portaria desde que ela surgiu.

Na Poli atualmente a participação dos alunos tem aumentado bastante. Isso é muito positivo pois a maior interação entre os alunos implica num maior fortalecimento da entidade.

Nessa época em que entre 10 músicas tocadas nos rádios 9 são estrangeiras, onde todos os filmes da T.V. são estrangeiros, onde o teatro tem dificuldades com a censura, onde nossos compositores têm boa parte de sua criação podada; nessa época é importante trazer para dentro da Universidade, e preços acessíveis, os acontecimentos culturais, e mais importante ainda, é estimular a criação de cultura entre os próprios universitários.

UMA PEÇA EM TRÊS ATOS

ATO 1

Abrem-se as cortinas do ano letivo e por entre as refrações in-
certas dos spots solares se insur-
ge no palco inato da praça da Poli
o nosso elenco: O Grupo Teatral -
Politécnico. A mensagem é Letargia
e o objetivo é logo descrito: Re-
cepção dos bichos. A platéia se-
ria intrínseca, porém a realidade
mostra outra faceta: poucos calou-
ros na assistência. E o intuito -
maior do espetáculo, ingressão de
sangue novo no grupo, se frustrou/
na própria decorrência dos fatos:
quase nenhum elemento novo entrou.
As convocações se repetiram e se
repetiu o desinteresse.

A interrogação fica em cena.

ATO 2

Convidados para representações
em outras escolas, o grupo come-
çou a cumprir a segunda importân-
cia após a criação de uma peça: a
interação de sua arte com o meio.

As apresentações se sucederam
em várias unidades da USP, além -
de incursões na UNICAMP, Santo An-
dré e Anglo. Dentro do contexto a-
tual de vazio cultural, a recepti-
vidade era boa e o grupo cumpria
parte de seus objetivos: teatro -
de cunho mais social, participa-
ção do público, troca de experiên-
cias com outros grupos, entre ou-
tros.

Porém esse fruto acabou vindo

em detrimento de outros aspectos
relevantes para o grupo: a falta de
continuidade do trabalho criativo
e o abandono do meio prioritário, o
público politécnico. Isso tudo le-
vou a uma certa insatisfação inter-
na que colaborou para que os pou-
cos bichos que ainda permaneciam/
se desligasse, embora nos apraz -
contar ainda com alguns. A movi-
mentação cênica continua num cli-
ma semi-trágico.



ATO 3

Realmente o espetáculo só mudaria
de figura quando tudo fosse escl-
recido e redefinido. Então, reali-
mentadas as proposições, o grupo/
se firmou em dois aspectos: a im-
portância da ingressão de novos -
elementos e a representatividade/
no seu meio (o da Poli).

Então se está atualmente tra-
balhando na criação de um recital
de poesias, que certamente será a-
presentado em agosto.

Paralelamente, se tenciona u-
ma nova recepção aos calouros, tal-
vez com a proposta de dar um cur-
so de teatro feito por profissio-
nais competentes, para o próximo/
semestre. Desde já aberto a quem
dele queira participar, a nossa -
peça se interrompe aqui com esse/
ar de bom tempo.

Cerram-se as cortinas, porém
os atores ainda voltarão. O espe-
táculo não pode terminar.



Grupo Música Poli

Ao fim de 1972, idealizou-se o Grupo de Música da Poli, com o fim de se constituir em instrumento de integração do meio universitário e, mais / restritamente, integração do bicha - ral, haja vista sua abertura a todos os interessados em elevação espiri - tual, quer fazendo, presenciando ou curtindo música, arte.

Como um plano bem intencionado genérico, o G.M.P. atingiu alguns obje - tivos e falhou em relação a outros : a integração proposta, a despeito da pouca participação dos bichos, se / está gradativamente obtendo, através de "shows" realizados (4 neste 1º / semestre de 73: na Poli, em Piracicaba, na Escola de Comunicações da USP e na FAU), levando às demais esco - las da USP e, quando possível, às de outras Universidades, o pensar, o mo

do de ver e sentir desta amostra do pessoal da Poli e de todos quantos / queiram se expressar pela música. O G.M.P. pretende estender suas ati - vidades, visando a supressão das fa - lhas até agora existentes, como a / baixa atividade no "campus", uma vez que a grande parte de seu tempo se utiliza na elaboração das apresenta - ções que, constituídas por trabalhos próprios, à custa de pesquisa e cri - tividade, exigem reuniões constantes e aparelhagem sonora e... paciência. Essa extensão de atividades consisti - ria na promoção de audições de músi - ca, palestras, debates, batucadas / etc., abertas à participação geral, no "campus".

O G.M.P. é um grupo aberto, formado / por pessoas que creem no que fazem e principalmente na possibilidade da união estudantil pela arte sincera ; o G.M.P. é um grupo de quase vinte / pessoas (atualmente) que vêm castra - das suas idéias pelo fato de dispo - rem de uma fabulosa ausência de re - cursos que vai desde a fabulosa fal - ta de equipamento sonoro ("shows" / com aparelhagem alugada e/ou empresta - da) até a fabulosa falta de uma sala / própria no prédio do Biênio, o que des - loca as reuniões para a Casa do Poli - técnico, "um pouco" fora de mão . O G.M.P. espera iniciar o 2º semestre de 73 com, pelo menos, providências to - madas no sentido de solucionar seus / problemas, afinal, ouve-se dizer: "o / meio reage analogamente às nossas ações"

GRUPO DE MÚSICA DA POLI

FOTO CLICK!

Formado há poucos anos, o DE FOBI visa fornecer campo, dentro da escola, aos que se interessam pela fotografia, que conta com muitos recursos e grande importância atualmente.

Para isso existem dois laboratórios com todo o equipamento necessário à ampliações e revelações, que qualquer sócio do Gremio pode usar, inscrevendo-se no DEFOBI. O interesse está na possibilidade de maior participação extra-curricular dentro da Faculdade.

O departamento Fotografico desenvolve também, um Curso Básico que se propõe a ensinar desde as técnicas mais primárias até a posição documental, da fotografia, (será iniciada uma nova turma em agosto), e conta com equipes, dedicadas a fotos 3x4, rebobinação de filmes, e à elaboração de uma MOSTRA de FOTOGRAFIA (mostra universitária) que deverá sair no próximo semestre.

Isso tudo é nosso e está aí para ser usado e desenvolvido por nós.

-O que faz o grupo de cinema?

•Março: - Além de apresentar semanalmente um filme, às sextas feiras conjuntamente com o Grupo de cinema da USP, está tentando fazer um levantamento bastante geral sobre os filmes que existem por aí, consultando as cinematecas, distribuidoras, consulados, etc.

-Você falou em Grupo de Cinema da USP. Ele existe? Quais são as propostas para esse ano?

M- O "Grupo" de Cinema da USP é a continuação das coordenações de cinema dos anos passados. É a tentativa de se fazer um trabalho integrado sobre cinema entre as escolas. Infelizmente essa tentativa resultou em fracasso parcial, pois atualmente nosso trabalho se limita a uma reunião semanal (2ª feira às 6H na Biologia) onde se escolhem os próximos filmes e se faz o balanço financeiro. As razões desse fracasso foi a inexistência de verdadeiros grupos de cinema em cada escola, ficando o trabalho sobrecarregado. Esta-se sentindo a necessidade de retomar esse trabalho e por isso o Grupo se reunirá durante as férias e tentará levar adiante as propostas de realização de um jornal cinematográfico quinzenal que abordasse os diversos problemas e atividades culturais da nossa vida universitária.

-Um tipo de Jean Manson estudantil?

APRESENTAMOS O LEÃO DA ELÉTRICA

M- Pô, é um Canal 100 não um documentário.

—E a Escola?

M- Sei lá, depois desse levantamento sobre cinema teremos condições de bolar ciclos, um jornal escrito e talvez a longo prazo a feitura de um curta-metragem nosso mesmo, por exemplo.

-E o cara que está por fora e gosta e quer manjar de cinema, como que se integra aí?

M- Prá isso a gente está pensando em arranjar alguém para dar um curso básico sobre cinema, como por exemplo o Jean Claude Bernardet. Já existe um papo com a turma do DECICA (Departamento de Cinema da Casa de Politécnico) para tentar realizar isso. quem estiver interessado pode conversar com o Marcoio (P2), Allen (P7) e Madeira (P7).

A.A.A.P.

O 1º TEMPO

*1º semestre

Atividades internas: Seguindo o plano traçado as atividades internas, consideradas prioritárias foram bastantes movimentadas nesse/ 1º semestre. O início foi a I Olimpíada dos Bichos, que teve algumas falhas, mas que cumpriu sua finalidade principal: propiciar contato entre os bichos. Além disso, excelentes atletas foram revelados para as equipes da Poli. Depois, foram iniciados os campeonatos internos dos centrinhos, com os campeonatos de Futebol de Salão da AEQ e da Naval, vindo depois o da Civil, com grande participações de equipes de todos os anos. Está em desenvolvimento o Campeonato de Basquete do CEC, estando o de Voleibol por começar. Organizado por 3 bichos, está também em desenvolvimento o I Torneio Aberto de Tênis.

Atividades Externas:

FUPE: Rugby-2º lugar

Atletismo-2º lugar

Natação-1º lugar

Classificado para a fase final:

Handebol

Basquete

Tênis de Mesa: Russo-4º lugar

Tênis de Campo: Delphim-3º lugar

Inter-Engenharia de Beisebol: 3º lug.

Rugby-Campeão da 2ª divisão (Bras.)

Além disso, o departamento de Voleibol Feminino A, disputando o I Torneio de Voleibol, disputado entre Poli, Psico, Geologia, Veterinária e Odonto em sua fase final.

Nos 2 primeiros fins de semana de junho, participamos do II Festival do Esporte Universitário de Campinas, vencendo Atletismo, Basquete, Futebol de Salão, Xadrez, Tênis de Mesa e de Campo. Mais de 100 politécnicos participaram.

*2º semestre

Temos já como certos de sua realização, o I Torneio Interno de Xadrez que será realizado na Academia de Xadrez CAPABLANCA e que está mexendo com a maioria dos enxadristas da Escola, prometendo um nível técnico muito bom. As inscrições ainda estão ABERTAS.

A OlimPoli com a participação de todos os centrinhos em todos os esportes de salão. Será sem dúvida a maior manifestação esportiva interna da Escola esse ano.

A diretoria da A.A.A.P. ainda para o 2º semestre está se movimentando no sentido de arrumar excursões em nosso Estado ou em uma ou duas capitais de outros Estados.

Em linhas gerais é isso e muito mais o que a A.A.A.P. vai lhes proporcionar para o próximo semestre.

AS AVENTURAS DE UM TECNOCRATA DESAIXONADO

POE CUS - UM POLI TECNICO COMO GER. OUTRO

AVISOS AOS NAVEGANTES:

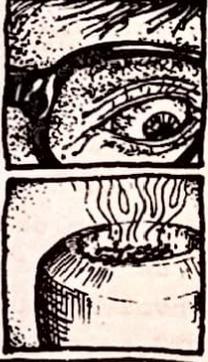
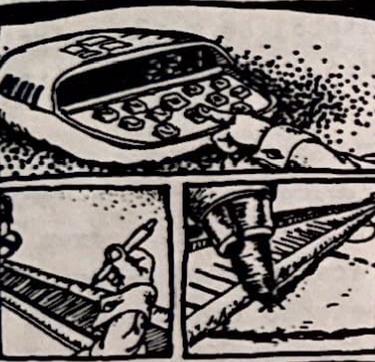
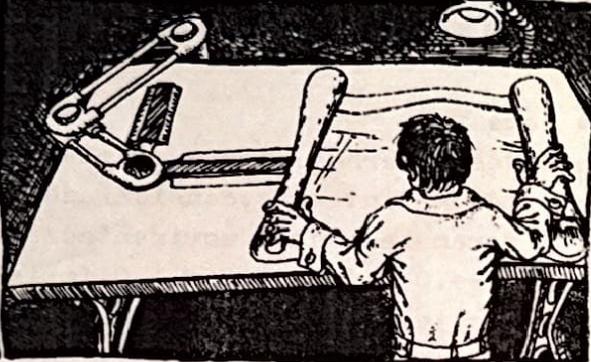
1 - SE VOCE NÃO ADVENTA NEM OLHAR PARA ESTAS PAGINAS, PASSE ADIANTE MELHOR ASSIM.

2 - O AUTOR NAO FAZ CURSOS DE ENGENHARIA CIVIL, SOU ELETRICO.

3 - O AUTOR ESPERA SINCERAMENTE QUE ENTRE SEUS LEITORES HAJA UM PSQUIATRA DE GABARITO, E DESEJARIA SERIAMENTE ENTRAR EM CONTATO PARA TROCAR IDEIAS ANTES QUE A COISA SE TORNE GRAVE.

4 - ESTA E UMA HISTORIA EXPERIMENTAL, FEITA A MAO, MAS ESCRITA NAO A OLHO, ACEITO AINDA CRITICAS E SUGESTOES.

AUTOR



Nela aprendi tudo perfeitamente do que eu precisava PARA SER O QUE SOU na vida.

UM ENGENHEIRO. UM TECNOCRATA.

DESSE PROCESSO SAÍ DIRETAMENTE PARA MEU LUGAR NA EMPRESA. MINHA SOBREVIVÊNCIA ESTAVA AUTOMATICAMENTE GARANTIDA DESDE O INICIO.

SOU REALMENTE UM HOMEM FEITO.

PASSEI POR UM PROCESSO DE TRIAGEM E ELABORAÇÃO QUE ME TRANSFORMOU NUMA PEÇA IMPORTANTÍSSIMA DO

SISTEMA. PEÇA PERFEITAMENTE ADAPTADA A MÁQUINA.

O Meu emprego Não me exige Nada Mais Do que Eu Saiba Pretender ou possa Mesmo Queer



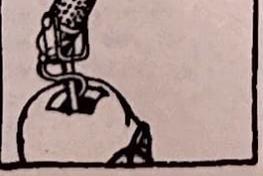
TAMBEM NÃO PRECISO ME IMPORTAR ESFORÇAR ADIANTAR PESQUISAR PREPARAR ESTUDAR

MINHA UNICA MOTIVAÇÃO NO MEU TRABALHO É A QUE ME É IMPOSTA PELA EMPRESA.

BASTA QUE OS MEUS INTERESSES SEJAM OS MESMOS DA CONSTRUTORA

MELHOR ASSIM FAZ SENTIR-ME MAIS SEGURO

ESTÁVEL.





O fim do arco íris

Durante muito tempo a região era tida como inaproveitável e não ser como tema de filmes de ficção tão comuns na década de 50 sobre "o monstro do Amazonas", "tarzan", etc. De uns tempos para cá, contudo, isto mais ou menos em torno de 5 anos, a amazônia, antes o "inferno verde", tornou-se magicamente na maior promessa em termos de potencial, lucros fáceis e abundantes: o fim do arco íris. A imagem que contudo se forma é contraditória. De um lado a imagem fornecida pela propaganda de lucro fácil, da boa vida, da esperança, que se contrapõem às esporádicas notas nos jornais sobre os múltiplos problemas encontrados na ocupação amazônica.

Ambiguidade

Aos poucos vai se formando o quadro geral da situação. O governo na sua política de integrar para entregar, caiu em contradição nesse slogan ambíguo que visa despertar o nacionalismo associando-o à ocupação amazônica, o que impede qualquer crítica à ocupação protegida que é pelo escudo do nacionalismo. É ambíguo pois essa mesma ocupação é feita em maior escala por grupos estrangeiros, em latifúndios de proporções tão imensas que superam em muito a área de muitos países europeus. Associado a isso temos o problema do homem amazônico. Há quem ainda se lembre da tentativa no início do século de recuperar a economia da borracha

através do retirante nordestino (na época agrassava uma seca no nordeste) não é necessário dizer o desastre que constituiu o empreendimento. Longe de tudo, sem qualificação, o retirante era obrigado a trabalhar em regime de semi escravidão, atacado por animais e doenças, mal conseguiu sobreviver.

Será que isso foi solucionado? O colono encontrará condições de adaptar às condições da vida amazônica? O que a lhe trará de bom? Logicamente a primeira imagem que nos vem à mente é a da propaganda, as agrovilas limpas, professores e escolas, plantações de produção fenomenal, o gado bem tratado, etc. Muito poucos chegam a associar à notícia, que estourou nos jornais sobre o caso Jari, à condição de uma grande parcela da população amazônica. Justamente a parcela que se subemprega nos latifúndios ou então é vendida como gado. Onde está a integração? Onde estão os brasileiros?

Embaraço

Recentemente foi alvo de notícias a visita que o presidente fez à Amazônia, e principalmente à surpresa reservada ao mandatário pelos trabalhadores do projeto Jari, (projeto particular de propriedade de Ludwig um dos homens mais ricos do mundo). Praticamente trabalhando em regime de escravidão deixados às merces dos "gatos" (guardas especiais), castigados e perseguidos quando tentavam abandonar o seus "empregos", tentaram um apelo patético, postando-se diante do caminho do presidente com faixas de "nós queremos a liberdade". Contudo foram barrados e dispersos pela guarda do senhor Ludwig. Acompanhado de perto pela imprensa o incidente causou um grande embaraço que culminou com um pronunciamento do presidente pedindo melhores condições para o homem amazônico, mas ao que tudo indica isso ficou por isso mesmo pois nada tem-se ouvido falar em termos de melhoria enfim fica uma interrogação a mais a ser esclarecida

Renúncia

Em sua carta de renúncia o ex-ministro Cirne Lima fala em nome do pequeno, médio e por que não do grande criador de gado, do agricultor, do homem da terra em geral, quase protestando contra o que ele chamou de "uma carga incomparavelmente mais pesada" a ser paga pela agricultura no processo de inflacionário. Se isso se faz sentir em regiões desenvolvidas como a sul, o que não pesaria sobre o agricultor amazônico?

Aí vemos uma desvantagem na política de colonização idealizada pelo governo.

No momento o governo incentiva a ida de pequenos agricultores para a região com a garantia de preços mínimos para os produtos.

Contudo uma grave dúvida paira. Como o governo poderá manter esses preços mínimos? Em que mercado poderá encontrar, o governo, condições de vender os produtos a fim de garantir os preços mínimos prometidos?

Isso talvez pareça apenas detalhes, contudo são condicionantes para um trabalho realmente honesto que vise não só desenvolver a região como também o bem estar do homem amazonico.

Progresso

Quem nunca assistiu aos farwest, resto-lho, fundo de prateleira que costumam ser apresentados pela teve, onde a jovem nação americana luta em seus primórdios contra os incultos, traiçoeiros e incivilizados índios. Tal não é a versão atual é sabido que os índios foram traídos, espoliados e destruídos das formas mais

ão de nenhuma das hipóteses, ou seja um não é a negação da outra, há sim o interesse na posse das terras dos índios. Espoliados, pressionados e expulsos por forças contra as quais não pode lutar, os índios reagem da maneira mais natural possível agredindo ao homem branco. E' o acontece vez por outra e é interpretado como barbarie, selvageria.

Quanto à Funai a sua propria fama é justificativa suficiente para que se desacredite em seu trabalho, há pouco tempo o Jornal da Tarde publicou uma série de artigos com um ex funcionario da entidade de nos quais ele contava uma série de irregularidades nesse órgão. Não bastasse isso os irmãos Vilas Boas (cujo prestígio é patente) em suas declarações recentes mostram-se desanimados quanto ao futuro do índio brasileiro.

Quase em via de extinção o índio brasileiro é hoje em dia o ultimo reduto dos primeiros habitantes do Brasil, a sua destruição não só representa a morte de uma cultura como também a consumação de politica inaugurada por Cortez : a injustiça e o crime encobertos por uma poli-



sórdidas e violentas que se permitiu a jovem nação americana. Hoje no Brasil acontece o mesmo. Não, não como se imaginaria, as idéias contudo são as mesmas - índios ou progresso. Não há qualquer forma de violência visível tais como guerras índias, é uma destruição lenta cujos instrumentos inconscientes são os próprios colonos transferidos às pressas, que através de doenças, bebidas e degradação moral destroem o indígena.

Outro fator, este mais eficiente e poderoso são os interesses privados que invariavelmente teimam em colocar duas opções - índios ou progresso. Quando na realidade não há obrigatoriedade de exclus

tica progressista e civilizada.

JORNAL DE IPIAÚ

UMA IMPRENSA LIVRE PARA UM POVO LIVRE

Diretor-Proprietário — Jeanito Rocha

Redatores: Altino de Cerqueira e Otávio Martins Sá

Ano XII

Ipiáú (Bahia), 25 de Dezembro de 1972.

N. 83

LAVOURA DE MANDIOCA

"A gente poderia falar de certas contradições que existem e chegar a conclusões que não as deixam existir. Mas desta vez preferimos que as contradições falem por si."

Em determinados regimens, os governantes superiores passam temporadas junto com os lavradores mais humildes, fazendo os seus trabalhos, cortando as canas, ceifando o arroz. Descem dos salões dourados, do conforto, do ar condicionado, dos tapetes das casas de verão, dos jardins de inverno, do prato gordo: dos mil braços a servi-los.

Ah! se pudéssemos trazer Alguém para roçar e derrubar uma mata na ladeira do Bom-Sem-Farinha (com sapucaia de catanas altas, inhaíba também), queimar, goivar (em dia de sol), covear, plantar (trazendo mandiva em lombo de jegue trefeiro), e depois dar as limpas, desgallar, doido para chegar um ano, sem esquecer a replanta. Mesmo que fosse tudo certinho, com chuva, mandiôco de pocar a terra, sem cobra, sem xinxinam, sem caçarema, sem lagarta. Madura, só cortar o pau da mandiva na marca de três palmas, balançar as raízes até estremecer os músculos, catar as tamboreiras e encher os panacuns... Raspar na casa de farinha (sem pagar mel: na planta ou no litro). A puxada da roda, suor pingando, cegando, secando, a carne magra, espremendo o corpo nu: dedo em gancho limpando a testa... No rodicho, a companheira que felizmente não perdeu a mão nem o dedo, mastigados pelos dentes das serretas. A massa deu boa. A prensa, as folhas de patí debaixo do parafuso novo, apertando bem..A mandioca enxuta,

rendeira; nenhuma fofa: nem choveu demais nem sol forte. A decoada escorreu livre sem envenenar criação. A massa cessada na peneira de cipó-verdadeiro, feita tresatonte. Até a crueira: pouca. A lenha, buscada ali mesmo, pertinho: galhos secos de cobi. Alguidá comprado em Ipiáú, no sábado, assentado por Ozório. Forno esquentador. Nem careceu trazer lenha nas costas, porque o vizinho, deixou o burro emprestado para apanhá-la. Tudo ajudou. O tempo estiado e não teve precisão de tomar zelo para não estouporar. Mexeu a farinha durante a noite e, cedinho, na rompença do dia, dois sacos roliços, alvos, cheirando a coisa gostosa, estavam prontos para ir à feira. Tudo deu certo. Que bom quando tudo termina favorável assim! Foi só chegar no armazém e vender. Ainda teve sorte do Fiscal Bonga não pegar a carga no caminho. Vendeu os dois sacos por trinta cruzeiros e pagou o imposto como se tivesse vendido por vinte. Mesmo assim ainda trouxe para casa vinte e três cruzeiros. Mas como teve pouco trabalho para conseguir a farinha estava tudo bom...

Ah! se pudéssemos fazer com que Alguém entendesse que não adianta o Estado recolher imposto assim, de alicate, nessa empalção, deixando o homem triste, angustiado, ansioso, com ódio, desestimulado para o trabalho, sabendo que o seu tributo não volta, porque vai embelezar os lugares por onde os que garantem Alguém sempre passem, mas que jamais virão ao interior onde o telegrama, a estrada, os meios de comunicação nada adiantam, tendo em vista que as relações entre o lavrador e o Alguém estão cada vez mais afastadas. E que o fisco vai se distanciando mais da fonte produtora, dificultando o contacto, escondendo-se nas moitas das lombadas para gerar infratores. Preferível o tempo de Camamu: ia-se montado, voltava em burro ferrado dos quattros pés, as noites eram mais noites e os estivados escondiam os atoleiros, mas ao menos se sabia onde e como pagar os impostos que eram mais mansos, menos piranha e, sobretudo, havia esperança de que dentro em breve a Repartição seria mais perto, ao contrário de agora, quando, pelos bostos (e tudo fede a boatol), talvez se tenha que ir para Feira de Santana.

Ah! se pudéssemos mandar Alguém passar na ponte-que-caiu, a fim de sentir o risco da voraz corrente da vida que sempre afoga na eternidade do mar os caprichos dos que imaginam deter a perenidade do poder.

Zé da Farinha

PARIS, 2 DE Setembro
DE 1970

Excelentíssimo Sr. Presidente
do Conselho Superior de
Segurança Nacional:

Tendo conhecimento em Paris da presença do Ilustre Coronel Aviador Prof. Dr. João Lopes de Oliveira, Adido do Ar na Embaixada do Brasil, junto ao Exmo. Sr. Embaixador General Lira Tavares, venho por intermédio deste prezado Amigo, expor a V. Excia. o seguinte:

Há três anos, em mil novecentos e sessenta e sete procuramos o Exmo. Sr. Presidente da República, Marechal Costa e Silva, de saudosa memória, para levar ao conhecimento de S. Excia. a situação em que se achavam os habitantes de Santa Terezinha, em Mato Grosso, ameaçados de expulsão das terras que ocupam, pela Companhia Agro-pecuária CODEARA.

Os habitantes de Santa Terezinha procuraram o Sr. Padre que mora com eles desde 1954, em busca de apoio e orientação para a defesa de seus interesses. O Sr. Padre desaconselhou a violência e imediatamente procurou o Governo do Mato Grosso que não tomou nenhuma providência. Procurou em seguida o Governo Federal relatando os acontecimentos. Diante das acusações de subversão feitas pelo Diretor da Companhia, Sr. Murat, e pelos Srs. Conde e Seixas, o Exército, a Aeronáutica, o S.N.I. e a Polícia Federal mandaram investigadores ao local, fato esse que nos permitiu despertar o interesse dos Poderes Públicos para o que ali sucedia.

Os investigadores chegaram à conclusão da culpabilidade da Companhia, que possuía quase cem quilômetros de terras virgens e não tinha nenhuma justifi-

ficativa para iniciar a formação de pastagens no meio das roças e capoeiras dos moradores da pequena vila de Santa Terezinha.

Desde o mês de abril de 1967 até fevereiro de 68, desenvolveu-se uma luta subterrânea nos bastidores da Administração, luta essa às vezes aberta e violenta quando a Polícia local, completamente a serviço da Companhia, intervinha para prender os moradores, inclusive menores de idade, enquanto a Cia. CODEARA, destruía cercas e quintais, chegando mesmo a incendiar casas. Essas tropelias foram cometidas com a cumplicidade tácita ou manifestada da Polícia de Mato Grosso que se recusava a intervir na defesa dos moradores.

A população orientada pelo Sr. Padre não acedeu nunca às provocações da Companhia que visivelmente procurava motivos para justificar uma intervenção da Polícia de Cuiabá. Finalmente, em fins de novembro de 1967 o Exmo. Sr. Presidente da República Marechal Costa e Silva, despachava a ordem de providenciar a desapropriação limitada, em favor dos moradores, a ele solicitada. Porém a Administração do IBRA encontrou as maiores dificuldades para executar a ordem do Exmo. Sr. Presidente. Logo de chegada essa ordem permaneceu engavetada dois meses... mais tarde três meses... mais tarde cinco meses. Permaneceu ainda mais seis meses sem andamento, devido às mudanças internas do IBRA. Verdadeiras fortunas foram gastas em viagens, de três em três semanas, para obter os contatos com as autoridades do IBRA e conseguir — somente dois anos mais tarde — que a terra reservada aos moradores, em projeto elaborado no papel, fosse finalmente demarcada pelo mesmo IBRA, em outubro de 1969. Essa despesa avultada feita com sacrifícios enormes, foi a melhor manifestação de nosso desejo de estabelecer uma colaboração efetiva com o Governo. Apesar dos atos de violência contra os habitantes dessa região, quase todos de origem nordestina, conseguimos que mesmo assim, eles não revidassem as provocações da Cia. e da Polícia local, e nunca um só tiro foi dado por parte dos moradores.

Em julho de 1967 o Cel. Diniz, chefe da Polícia Estadual de Mato Grosso, mandara a Santa Terezinha um oficial de Polícia com uma ordem por escrito para que fosse feito um relatório sobre a situação existente, e uma ordem verbal para prender o Padre e o Sr. Edval Pereira dos Reis, ambos denunciados pela Cia.. O Oficial pediu ao Cel. Diniz a ordem por escrito, ordem esta que o Cel. se recusou a dar. Chegando ao local o Oficial encontrou uma situação completamente diferente daquela que lhe havia sido apresentada pela Cia. e fez um relatório sobre as injustiças cometidas pela mesma Cia. A questão reduzia-se a um problema de terras que nada tinha a ver com a denúncia de subversão apresentada pela Cia. CODEARA.

O Cel. Diniz fez desaparecer o relatório acima mencionado e mais tarde tentou mesmo apropriar-se das cópias desse relatório que por ventura houvessem escapado às suas mãos...

Um pouco mais tarde o Cel. Diniz deixou a Chefia do Serviço de Segurança Pública Estadual de Mato Grosso e entrou como Chefe da Casa Militar do Governador. O novo Chefe de Segurança Pública Estadual era então o Cel.

Menezes. Em fins de Janeiro ou princípios de Fevereiro 1968, o Cel. chegou a Santa Teresinha:

Com a cumplicidade dum Capitão da Polícia Militar de Mato Grosso — Cap. Sossias ou Josias — a Cia. CODEARA levou até o Ministro da Guerra uma informação forjada sobre depósitos de armas vindas da Tchecoslováquia e organizado pelo Padre... O Sr. Ministro da Guerra tomou então providências junto ao Chefe da Segurança Pública Estadual, Cel. Menezes, para elucidar os fatos... De fato a Polícia se havia apoderado da arma de caça de um dos moradores presos, arma essa que era um long rifle 22, efetivamente de origem tcheca. É importante ressaltar que toda a população da região vive da pesca e da caça e possui armas de caça de proveniências diversas, compradas ou trocadas com os pequenos negociantes ambulantes do Rio Araguaia, que, por seu lado se abastecem no mercado de Goiânia ou Anápolis.

O Padre denunciado pela Cia. é o próprio signatário do presente documento!

O Cel. Menezes em Santa Teresinha descobriu pessoalmente a perfídia das acusações forjadas pela Cia. CODEARA contra o Padre e os moradores, e mais ainda, escandalizado com a atitude da sua própria Polícia, transferiu os elementos corruptos para outros lugares; a população de Santa Teresinha passou a não ser mais ameaçada, vivendo momentos de tranquilidade. Porém em 1969 o Coronel Diniz substituiu novamente o Coronel Menezes na Chefia da Segurança Pública Estadual e, desde então a insegurança invadiu de novo os sentimentos da população de Santa Teresinha: multiplicaram-se os inquéritos; as intimidações e intimidatóes.

Primeiramente houve um processo de reintegração de posse a favor da Cia. CODEARA e contra os moradores que tinham feito suas roças em 1968, dentro do perímetro a ser demarcado pelo IBRA, mas que em realidade só foi demarcado em outubro de 1969. Em junho de 1969 o Juiz de Barra do Garças, sem fazer nenhum inquérito, sem consultar os técnicos do IBRA que haviam orientado o Sr. Padre e sem consultá-lo, — a êle que havia orientado os moradores — condenava êsses mesmos moradores a abandonar aquelas roças feitas em 1968.

Fortalecida com essa sentença a Cia. mandou a tôdas as autoridades do Brasil, cópias da sentença pronunciada pelo Juiz e das razões apresentadas pelo advogado da Cia. Dr. Olimpio Jaime, bem conhecido em Goiânia e em Brasília, ex-deputado cassado pelo Conselho de Segurança Nacional. Apresentou hábilmente os moradores como armados e ameaçando invadir a propriedade da Cia. e, numa frase mais adiante: "orientados pelo Padre". Em verdade os moradores de Santa Teresinha não tinham necessidade nenhuma de arma porque se apoiavam simples e tranquilamente na palavra do Padre que solicitara ao IBRA a indicação do lugar onde êles poderiam fazer suas roças. É necessário observar que somente Companhias possuíam títulos de propriedade de tôdas as terras da região; uma delas recebeu do Governo de Mato Grosso até terras onde se acham construídas as Repartições do anigo S.P.I.

Finalmente quatro meses após a reintegração de posse determinada pelo judiciário, em outubro de 1969 o IBRA demarcava no local a área escolhida pelos técnicos do IBRA e destinada ao reagrupamento dos moradores. Foi aí então que se deu por parte dos diretores da CODEARA a mais violenta explosão de ira manifestada até o momento; apesar do acôrdo dado pe'o Dr. Seixas, em janeiro de 1969 e reiterado pelo Dr. Murat em setembro do mesmo ano; pois a demarcação executada pelo IBRA reintegrou os moradores na posse da terra que havia sido reintegrada à Cia. quatro meses antes, anulando dessa maneira todos os esforços e os fundamentos da argumentação usada pelos diretores da Companhia nesse sentido.

Durante êsse tempo a desapropriação ordenada pelo Exmo. Snr. Presidente da República havia sido transformada pelo IBRA numa doação voluntária a ser feita pela Cia. CODEARA. Aliás a Cia. tinha a obrigação, estabelecida no contrato de compra e venda, de respeitar uma área de aproximadamente 2.500 alqueires paulistas, postos fora da transação da área global. Entretanto a Cia. continuava, apesar de tudo, proprietária exclusiva do título de propriedade das terras. Os diretores da Cia. CODEARA só concordavam em assinar a doação das terras — 2.500 alqueires paulistas que na realidade não lhes pertenciam — se o Governo excluísse da zona demarcada pelo IBRA, as melhores terras de cultura, já trabalhadas pelos habitantes e situadas mais próximo da vila, isto é: que nós aceitásemos a expulsão dos moradores já agrupados nas melhores terras na vizinhança de Santa Teresinha. Para conseguir isto, a Cia. obteve a cumplicidade de alguns elementos do IBRA. Fora marcado o dia 23 de março de 1970 para uma reunião no Rio de Janeiro, entre os representantes dos moradores, o representante da Cia. CODEARA e o representante do IBRA. Nessa reunião o Representante dos moradores aceitou a área global já demarcada pelo IBRA e sem nenhuma modificação; o Dr. Seixas, da Cia. apoiou igualmente, apesar de a contra gôsto, o trabalho feito pelos técnicos do IBRA.

Após a discussão do projeto, o Dr. Seixas assinou na presença do General Augusto Sergio Ferreira, Diretor do Departamento Fundiário do IBRA, uma promessa de doação da *Área Total Demarcada pelo IBRA*. Sucedeu porém que o documento assinado no dia 23 de março foi feito numa única via, e quando o representante dos moradores apresentou-se no dia seguinte para receber a fotocópia da minuta do acôrdo, o assistente do Departamento Fundiário disse-lhe que não conseguiu mais achar o documento: "Parece que o devolvi ao Dr. Seixas".

O General Sérgio havia marcado uma data: 10 de abril para a assinatura definitiva dessa doação em cartório. Após o sumiço do primeiro documento a Companhia mandou dizer ao General Sérgio que não assinaria mais aquela doação.

O General Sérgio não conseguiu encontrar mais o documento. Por outro lado, a Cia. protelou uma segunda vez a assinatura definitiva e marcou para êsse fim o dia 30 de abril, e a seguir, sem dar nenhuma explicação, transferiu pela terceira vez, para o dia 4 de maio. Já a essa altura o IBRA não queria mais fazer imposições à Cia. CODEARA.

Sentindo-se sem apoio do IBRA e sem maiores recursos, o Secretário da Prefeitura de Luciara, substituindo o Snr. Padre como representante dos mora

dores junto ao IBRA, foi obrigado a aceitar finalmente um acôrdo de caráter espoliativo para a vila, privando-a de suas terras de cultura mais próximas.

Para assegurar um maior triunfo, o advogado da Cia. e o Dr. Murat contariam com a colaboração sem reservas do Cel. Diniz. No dia 1º de maio o Dr. Murat e o Cel. Diniz encontraram-se na sede da Cia. Suia-Missu perto de Santa Isabel. Havia uma reunião dos empreiteiros financiados pela SUDAM, sob a presidência do Sr. Ministro do Interior General Costa Cavalcanti.

A manobra fôra preparada de longa data entre o Dr. Murat da CODEARA, o advogado dessa mesma companhia Dr. Olimpio Jaime, deputado cassado pelo Tribunal de Segurança Nacional, e o Coronel Diniz, Chefe da Segurança Pública Estadual de Mato Grosso. Por uma falta de transporte não nos foi possível estar presente, apesar de sabermos de antemão que o Dr. Murat preparava um golpe.

Durante dois anos o Sr. Padre fôra sempre o alvo nº 1 e o Sr. Edval Pereira dos Reis o alvo nº 2 em tôdas as petições da Companhia contra os habitantes de Santa Teresinha. A acusação principal era sempre a mesma: os habitantes são invasores orientados pelo Padre e pelo Reis. Mas como essas petições não haviam dado resultado algum, em janeiro de 1970 o advogado apresentou uma petição onde acusava em primeiro lugar o Sr. Edval Pereira dos Reis e somente em segundo lugar o Padre. Isso a respeito de uma roça de mandioca pertencente aos posseiros e destruída pela própria Cia. Ao receber a petição do advogado da Cia., Dr. Olimpio Jaime, o Cel. Diniz requereu ao Juiz de Barra do Garças a prisão dos 2, o Sr. Reis e o Padre!...

O motivo era uma suposta intervenção dos posseiros, do Reis e do Padre "impedindo os serviços da Cia." quando era justamente essa Cia. que arrasava a mandioca desses mesmos posseiros... Na realidade se tratava de uma nova provocação.

O Juiz estava demorando em expedir a ordem de prisão a êle solicitada em janeiro de 1970, pelo Cel. Diniz; pois o pedido do Cel. era baseado em motivos que não eram claros, tendo em vista que essa Cia., que tinha arrasado a mandioca e que a mesma Cia. se apresentava como vítima dos posseiros!...

Foi então que o Dr. Murat e o Cel. Diniz se entenderam a respeito do Sr. Reis: na reunião do dia 19 de maio, na presença do Sr. Ministro o Dr. Murat repetiu as acusações tradicionais contra o representante dos moradores, o Sr. Edval Pereira dos Reis, desconhecido do Sr. Ministro, e contra o Padre, ambos apresentados como subversivos. E evidente que o Sr. Ministro não podia ter conhecimento dos vários inquéritos já realizados; pela Polícia Federal e pelo S.N.I. de Brasília, ignorava também o volumoso processo em curso há mais de 3 anos, os relatórios, as cartas, os projetos enviados de ambas as partes à sede do S.N.I. em Brasília. O Ministro ao que parece, deu um acôrdo de princípio, para o Cel. Diniz tomar as medidas necessárias para cumprir sua missão visando a segurança de todos.

E, no dia seguinte, dia 2 de maio de 1970, o Cel. foi em pessoa executar a prisão do Sr. Reis, em Santa Teresinha. O motivo apresentado foi muito sim-

ples: falta de respeito para com as forças da Ordem! Chegando em Cuiabá o Sr. Reis nem interrogado seria, pois passando em Luciara, a sede do Município, o Cel. Diniz fêz questão de transmitir ao Presidente da Câmara dos Vereadores local a informação seguinte: não era por uma questão de terras ou por ser representante dos moradores de Santa Teresinha que o Sr. Reis fôra prêo, mas sim por haver faltado ao respeito com as Forças da Ordem! O Coronel podia assim fazer uso dos amplos poderes dados pelos decretos de setembro de 1969 que permitiam sua intervenção sem esperar ordem de Juiz Civil ou militar. Mas poderão êsses decretos serem aplicados num caso de tão flagrante injustiça? Devemos nos explicar mais detalhadamente sôbre a falta de respeito alegada:

Em todos os lugares onde é conhecido, o Sr. Reis é conhecido e tido como pessoa de grande prudência, juízo e moderação. Por isso êle foi escolhido pela população para representá-la junto ao IBRA.

A verdade é a seguinte: em janeiro de 1970 a Cia., numa visível provocação contra os moradores, mandou arrasar a roça de mandioca dos mesmos, aproveitando o fato que essa mandioca era numa área litigiosa, reintegrada primeiro à Cia, pelo Judiciário e reintegrada depois aos posseiros pelo Executivo (IBRA). Vendo a mandioca destruída a população foi consultar o Padre. Este aconselhou a não reagir para não pôr em oposição Executivo e Judiciário e deixar o Governo resolver o caso. Mas o advogado da Cia., Dr. Olimpio Jaime, apresentou imediatamente falsas testemunhas ao Cel., alegando que os moradores haviam impedido "os serviços da Cia." e a destruição da mandioca. Foi então que, sem verificar nada, o Cel. tinha pedido ao Juiz de Barra do Garças a prisão do Sr. Reis e do Sr. Padre, como já foi dito acima. Um delegado de Polícia acompanhando o advogado da Cia. foi mandado a Santa Teresinha para a abertura do inquérito, junto os moradores e o Padre. O questionário preparado em Cuiabá pelo Cel. e pelo advogado, entre outras perguntas indagava quantas missas o Padre rezava por mês, de onde provinha o dinheiro do Padre, etc. etc. Tudo isto em consequência de uma roça de mandioca destruída pela Cia. CODEARA. Comentando êsse inquérito 3 semanas mais tarde, na mesa de um bar onde tomava cerveja em companhia de amigos, o Sr. Reis falou o seguinte: êsse inquérito foi uma verdadeira farsa ou algo semelhante. Foi êsse o motivo invocado pelo Cel. para uma detenção que durou setenta e dois dias. Vários padres e advogados foram obrigados a viajar até Brasília, Rio, São Paulo, Cuiabá e Campo Grande, para tentar uma solução do Caso. Milhões foram gastos inutilmente. Em Campo Grande, dois Padres procuraram o Juiz e depois o promotor de Justiça do Tribunal Militar. Ambos responderam aos Padres que não haviam encontrado matéria para abrir um processo contra o Sr. Reis que continuava preso em Cuiabá, e que haviam solicitado o envio dos papéis de volta a Cuiabá, para o Cel. Diniz, pedindo informações complementares...

É evidente que a atuação arbitrária do Cel. contra a população da região, culminando com a injusta prisão do homem mais respeitado em Santa Teresinha, tem a meu ver o sentido de rebaixar o prestígio do Governo e agir contra a segurança nacional. O Governo Federal tem possibilidades de intervir no Estado

de Mato Grosso, num caso como este em que o prestígio do Brasil está em jogo e a ordem ameaçada pelos representantes da Ordem, que não o merecem ser.

A prisão do Sr. Reis foi tanto mais chocante porquanto nem o Sr. Murat, nem o Sr. Seixas, nem o Sr. Conde foram interpelados após a invasão a mão armada pela Cia. contra a propriedade do mesmo Sr. Reis no dia 14 de abril de 1969, invasão essa testemunhada pelo Delegado Regional de Polícia de Mato Grosso, e também pela Polícia Federal de Campo Grande, chegados por acaso nesse mesmo dia a Santa Teresinha. Essa invasão foi comprovada pelo relatório feito pela própria Polícia Federal de Campo Grande testemunha direta dos fatos. A libertação do Sr. Reis sem interrogatório e sem julgamento, foi o primeiro passo para o restabelecimento da Ordem, porém o julgamento dos acusadores, das falsas testemunhas e de todos os culpados parece-nos indispensável à afirmação da autoridade do Governo e de seu prestígio, pois a impunidade dos criminosos significará a repetição possível das mesmas arbitrariedades.

Como consequência dos acontecimentos de Santa Teresinha, uma outra Companhia (a FRENOVA), a uns 100 quilômetros dessa vila, na nascente do rio Tapirará, num lugarejo chamado Porto Alegre, perto de Cedrolândia, está fazendo pressões tremendas para reagrupar todos os moradores, que são mais ou menos uma centena, num campo cerrado impossível de viver. O prefeito ameaçado, sofrendo pressões visivelmente de parte do Governo de Cuiabá já avisou os moradores que infelizmente não pode fazer mais nada e que eles devem recorrer ao Padre!... ou se arranjar sózinhos para constituírem um advogado. . .

Sózinhos, esses moradores estarão condenados a abandonar todas as benfeitorias já feitas e a recontear a marcha para o oeste em direção ao Xingu ou o Tapajós onde cairão em terras de outras Companhias, para daqui a alguns anos recommear com o mesmo problema. Não adianta mandar essas informações para o IBRA: no decorrer de três anos nossa experiência foi bastante triste e desanimadora.

Peço licença para citar o exemplo de um Santo Rei da Idade Média que deu seu nome à capital do Estado do Maranhão: São Luis. Foi um Rei com um grande sentido de justiça a ponto de condenar seu próprio irmão o Conde d'Anjou por ter maltratado um cavaleiro sem motivo. São Luis, na ocasião disse as seguintes palavras: "Não penses que por ser meu irmão serás perdoado pela justiça". Dentre os muitos personagens da história, um dos únicos inatacáveis até agora tem sido São Luis, o Justo.

Confiando mais uma vez na atuação serena e esclarecida do Sr. Presidente, para que se faça justiça, apresento os meus mais sinceros agradecimentos assim como de todos os moradores de Santa Teresinha.

Renovando meus protestos de mais alta estima e consideração, subscrevo-me atenciosamente

(as) Pe. Francisco Jentel

NOTA: Os acontecimentos mais importantes que se seguiram à data da carta acima transcrita e que se viram (serviram) de base à condenação do padre Jentel foram:

- dezembro de 1971 - o padre Jentel começou a construir um ambulatório no terreno da Igreja contando com a ajuda dos posseiros.

- 10 de fevereiro de 1972 - o agente da CODEARA, José Norberto Silveira mandou derrubar a construção, com a ajuda de um trator, sob a alegação de que na planta da nova cidade de Santa Teresinha passaria uma rua justamente onde se havia iniciado a construção.

- 3 de março de 1972 - os posseiros que haviam resolvido vender o ambulatório de nova construção aguardaram armados nova ação da prepotente CODEARA. Com suas armas de caça responderam ao fogo de funcionários e policiais a mando da CODEARA. Sete homens ficam feridos. Esta última ação da CODEARA, era a gota d'água que faltava.

- 29 de maio de 1973 - o padre Jentel sob acusação de agitador é condenado em Tribunal Militar a 10 anos de prisão, e os camponeses continuam sem suas posses. As promessas, mais uma vez, eram só promessas.

-FÁBULA-

AGUERRA DOS TAMANDUÁS

"-Nem se vê que certos poetas, certos filósofos, não tem razão nenhuma em dizer que tudo vai bem." (Voltaire)

"O anão, que às vezes raciocina muito rapidamente, concluiu a princípio que não havia habitantes na Terra. Seu primeiro argumento era de que não vira ninguém. Micromegas, rapidamente, fez-lhe sentir que ele não raciocinava muito bem:

"Como não distinguês, com teus pequenos olhos, certas estrelas de quinquecentas vezes a grandeza que eu percebo distintamente, concluíste daí que essas estrelas não existem?"

"-Mas - replicou o anão - eu apalpei bem.

"-Mas sentiste mal - replicou o outro.

"-Mas este globo é tão mal construído - objetou o anão - é tudo tão irregular e de uma forma que me parece tão ridícula! Tudo parece aqui um pleno caos; não ves estes pequenos arroyos que já-meis correm em linha reta, estes charcos que não são nem redondos, nem quadrados, nem ovais, nem de forma regular nenhuma; e todos esses grãosinhos pontiagudos de que está erigido este globo e que me arranharam os pés? (queria referir-se às montanhas): Repara ainda na forma de todo o globo, como é achata do nos polos, e a sua maneira inadequada de girar em torno do sol, de modo que a região dos polos fica necessariamente estéril. Em verdade, o que me faz pensar que não haja aqui ninguém é que gente de bom senso não moraria em um lugar como este.

"-Pois bem - disse Micromegas - talvez os que o habitam não sejam pessoas de bom senso. Mas há possibilidades de que isto não tenha sido feito inutilmente. Tudo aqui te parece irregular porque em Saturno e Júpiter é tudo feito a régua e compasso. Exatamente por esse motivo - que há aqui um pouco de confusão. Não te digas que eu nas minhas viagens encontrei sempre variedade?"

O Saturniano replicou a todas as suas razões. E a questão jamais terminaria se, por felicidade, Micromegas, no calor da discussão, não tivesse rompido o seu colar de diamantes. Estas caíram ao chão. Eram lindas pedras de tamanho variado, tendo as mais volumosas quatrocentos libras de peso, e as menores cinquenta. O anão apanhou algumas, e, ao aproximá-las dos olhos, viu que, da maneira como estavam lapidadas, constituíam excelentes microscópios. Tomou, pois, um pequeno microscópio de cento e sessenta pés de diâmetro, que aplicou à pupila; e Micromegas escolheu um de dois mil e quinhentos pés. Eram excelentes; mas no princípio, nada perceberam com o seu auxílio; era preciso adaptarem-se. Afinal, o habitante de Saturno viu qualquer coisa quase imperceptível..."

Essa foi a maneira como Micromegas, do sistema de Sísio, e seu companheiro de Saturno travaram conhecimento com os terráqueos, como nos foi contado pelo senhor Voltaire. Porém, como o planeta em que se passa a nossa história não é a Terra, se fosse ele visitado pelos dois viajantes - voltaireanos, nem ao menos poderíamos ter dado mostra da existência de vi-

da. O que não deixa de ser muito triste, porquanto talvez o Sísio e o Saturniano não tolerassem tamanha - mostra de ignorância.

O planeta de que falo bem que poderia ser a Terra, por suas características geográficas, todavia enquanto que na Terra habitavam somente animais racionais (pois os outros já haviam sido eliminados) neste último havia apenas tamanduás e formigas, - como todos sabem, animais extremamente irracionais.

Contam que os tamanduás e as formigas foram mandados pelos habitantes do planeta Terra, a um planeta animalmente desabitado. Visavam ao estado da evolução de duas espécies inimigas mortais, livres de qualquer outra interferência animal.

Para quem não conhece, o tamanduá não tem dentes e alimenta-se de insetos. Suas mandíbulas são muito longas e estreitas, mas a boca é muito pequena. Tem a língua extraordinariamente longa, delgada e coberta de uma saliva pegajosa, à que aderem as formigas, engulidas quando ele a retrai. Há três espécies de tamanduás, muito diferentes, que correspondem a animais sempre solitários.

As formigas todos conhecem. Digno de nota é o fato que a caça, o pastoreio e a agricultura parecem ter sucedido um ao outro nestes insetos, tal como se supõe ter acontecido ao homem. As espécies consideradas mais primitivas são as carnívoras, isto é caçadoras de outros insetos.

Já estavam já há alguns anos e dadas as condições naturais do planeta, tiveram uma evolução um pouco estranha.

No começo havia poucos tamanduás e poucas formigas, nem todos da mesma raça. Com o tempo cresceram (em número apenas) os tamanduás e as formigas. Teria sido assim indefinidamente, pois quanto mais formigas mais alimento para os tamanduás, sim, teria sido assim se o dedo do acaso não fosse posto no processo.

Alguns tamanduás quiseram, por serem animais solitários e egoístas, poder-se de todas as formigas, iniciando uma guerra entre si.

Como é sabido por todo o estruturalista, tamanduá e formiga são o mesmo animal, no caso as formigas seguem o estômago dos tamanduás. O que não é sabido e que parece incrível é que naquele planeta, assombrando aos mais ousados estruturalistas, os tamanduás por falta de alimento transformavam-se em formigas, e estas por excesso tornavam-se tamanduás. Claro está que necessário se faziam inúmeras formigas para a formação de um único tamanduá, e vice-versa.

Existiam vários tipos de formigas: as formigófagas eram as que mais próximas estavam de se tornar tamanduás, as outras eram pasto. (até que resolvessem se transformar em carnívoras).

E o que houve, na guerra dos tamanduás, foi uma aliança aparentemente inverossímil: dos tamanduás com as formigas (carnívoras, é claro) contra outros tamanduás aliados a outras formigas.

Contado se, como Machiavelli, pensamos que o objetivo principal era derrotar os adversários (do mesmo gênero mas de diferente espécie) e

que após liquidá-los fácil seria liquidar os aliados, e que as formigas carnívoras esperavam alimentar-se o bastante para se tornarem tamanduás estando assim em condições de liquidar o adversário, veremos que os meios estarão completamente justificáveis.

O que restou desses anos de luta foram três tamanduás, algumas tribos de formigas carnívoras, tribos de formigas agricultoras e pastoreadoras. E é nesse estado que se encontravam já há alguns anos, com a lembrança ainda fresca da guerra, temerosos de desencadear outros morticínios, que poderiam ser fatais. Viviam em tranqüila harmonia, fraternalmente, isto é, as formigas carnívoras pastando as outras, que não pastavam ninguém, e os tamanduás pastando de todo mundo.

Com o tempo, a lembrança foi se apagando, a experiência antiga paulatinamente foi posta em xeque e desecadeou-se a inevitável.

Foderiam os leitores pensar que as formigas carnívoras e não carnívoras, tendo percebido que o inimigo comum eram os tamanduás, uniram-se e num esforço irresistível de forças conjugadas atacaram os tamanduás e os devoraram.

Mas não, esse não seria um bom final para esta história, seria muito ignorante e ingenuo, pobre de imaginação, pois as formigas que mais se tivessem alimentado, transformar-se-iam em tamanduás, voltando tudo ao status-quo, o que além de não adiantar nada, faria o processo aere perennius, ad libitum mimercofagideum.

Ou então que os tamanduás tivessem percebido que sua existência dependia não só da existência deles (3 tamanduás) mas também das formigas (de todas elas), porquanto os primeiros unidos representavam a força, os segundos representavam o alimento. E uma vez rompido o equilíbrio, tudo estaria perdido. E por isso resolveriam pastar as formigas aos poucos e fraternalmente.

Porém esse também não seria um bom desfecho para a história. Primeiramente porque seria atribuir muita inteligência e arejamento a animais tão estúpidos como os tamanduás. Segundo porque como já foi dito, os tamanduás são animais solitários e egoístas, nunca poderiam dividir algo se houvesse a mínima possibilidade de obter o todo.

Logo, vou contar o que realmente sucedeu:

Os tamanduás engendraram nova guerra, da mesma maneira como as anteriores, só que dessa vez, ao invés dos ataques diretos, foram eliminados os aliados dos adversários, isto é, as formigas. Acabaram por ficar só. Só então perceberam que haviam eliminado seu sustento e ante a possibilidade de virem a se tornar formigas - por inanição - se suicidaram.

Muito se espantaram os habitantes da Terra ao encontrar vazio o planeta ao qual mandaram tamanduás e formigas. Se fossem um pouco mais perspicazes, veriam nele o fim de todas as coisas tal qual no livro que Micromegas lhes mandou, em branco.

Arthur de Almeida Jr.

WATERGATE

UM RESUMO

EVIDENCIAS SURGIDAS

Com as investigações, interrogatórios e denúncias, ficou constatado que:

-A espionagem havia sido planejada já em 1971 pelo Comitê de Reeleição do Presidente.

-Participaram da conspiração: altos funcionários da Casa Branca, entre os quais: John Mitchell (4) Harry Haldeman (5), e John Ehrlichman (6).

-O próprio FBI se envolveu no "abafamento" do caso, através de Patrick Gray (7).

-O caso Watergate era apenas uma entre muitas manobras clandestinas. Outras incluíam a infiltração de agentes entre os voluntários que trabalhavam para os candidatos democratas, a falsificação de pronunciamentos desses candidatos, contratação de provocadores de distúrbios nos comícios, espionagem, etc.

-A campanha de Nixon dispunha de fundos "secretos", formados por contribuições recolhidas de forma ilegal. Parte desse dinheiro foi usado para pagar a defesa dos "sete de Watergate" (e para recompensá-los por seu silêncio.

-Paralelamente aos atos de sabotagem eleitoral, os acusados, sobretudo Howard Hunt, estavam envolvidos em outros golpes baixos, como a organização de um dossiê sobre a vida do Senador Edward Kennedy e a invasão do consultório de um psicanalista para tentar descobrir os segredos de seu cliente Daniel Ellsberg. (8)

-Junto com os personagens mais importantes já citados, o número total de implicados, diretamente ligados à administração de Nixon se avoluma a 17.

O PAPEL DE NIXON

O número de pessoas e fatos envolvidos na sugeira eleitoral, forma uma pirâmide política que parece apontar para Nixon como a cabeça de toda a conspiração.

Porém o que o Presidente até agora fez, foi demitir grande parte dos implicados (retaguarda que ele mesmo havia escolhido) e se desculpar quase chorando em pronunciamentos, que "a tal ponto estava empenhado na condução da política externa e na negociação da paz na Indochina que não tivera tempo para dirigir de perto a sua própria campanha eleitoral".

O fato é que a reação de Nixon só tem feito piorar a situação.

Recentemente, começou a tomar conta dos jornais de quase todo o mundo, a polêmica do "Caso Watergate", que a cada dia que passa revela novos dados sobre o escândalo da campanha presidencial de Nixon.

Tudo começou em em junho do ano passado, quando um guarda noturno do edifício Watergate, sede do Partido Democrático (1), surpreendeu em flagrante cinco elementos que instalavam equipamentos, de espionagem eletrônica e vasculhavam documentos do partido rival, que aliás não oferecia perigo à reeleição de Nixon.

Embora o ocorrido dava margem a conjecturas políticas graves, Nixon se esforçou em demonstrar que tratava-se de um "roubo de terceira classe" e seu assessor jurídico John Dean (2), sob sua indicação, investigou o caso informando que nenhum funcionário da presidência estava envolvido.

Nixon foi reeleito e as coisas pareciam contornadas. Porém, a onipotência do Executivo, não intimidou o Judiciário que no começo desse ano condenou os "sete de Watergate" (3) a penas de até 55 anos que poderiam ser amenizadas se fossem dados esclarecimentos sobre o caso.

Ao mesmo tempo o Legislativo, através da criação do Comitê do Senado, instaurou uma comissão de inquerito para apurar o caso e ampliar as investigações.

Mas a amplitude dos fatos foi realmente conseguida com a perseverança dos jornais liberais WASHINGTON POST principalmente, e NEW YORK TIMES que deram cobertura ao caso sem se vender ou intimidar.

Hoje ele é um presidente desmoralizado, enfraquecido, e o fortalecimento da oposição parece indicar o próximo Kennedy para a Presidência.

E Watergate ainda está vivo, a continuidade crescente de descobertas está levando certos setores a cogitarem do "impeachment" (9), que em toda a história dos EUA só foi tentado uma vez.

AS LIÇÕES

As consequências do fato não se resumem apenas no imediatismo do desmascaramento, mas assume um caráter mais de forças políticas quando vemos que o Executivo. Americano se mostrou não tão intangível perante o Legislativo e o Judiciário. Ele sofreu um enfraquecimento e parece agora estar mais equilibrado os outros dois poderes, equilíbrio esse que sempre representou a essência da democracia.

Esse triunfo só seria conseguido com a interação entre representantes e representados, que se deu através da imprensa liberal americana que não se redimiou do direito de informar.

Se tentássemos fazer certas analogias com o caso brasileiro, nossas tentativas seriam um tanto infrutíferas.

No Brasil, por enquanto não há condições de haver "casos Watergate" porque nossas eleições são indiretas.

O povo brasileiro ainda não atingiu maturidade para eleger seus representantes.

O conflito entre os três poderes também seria inviável, pois ao que parece, só existe um poder.

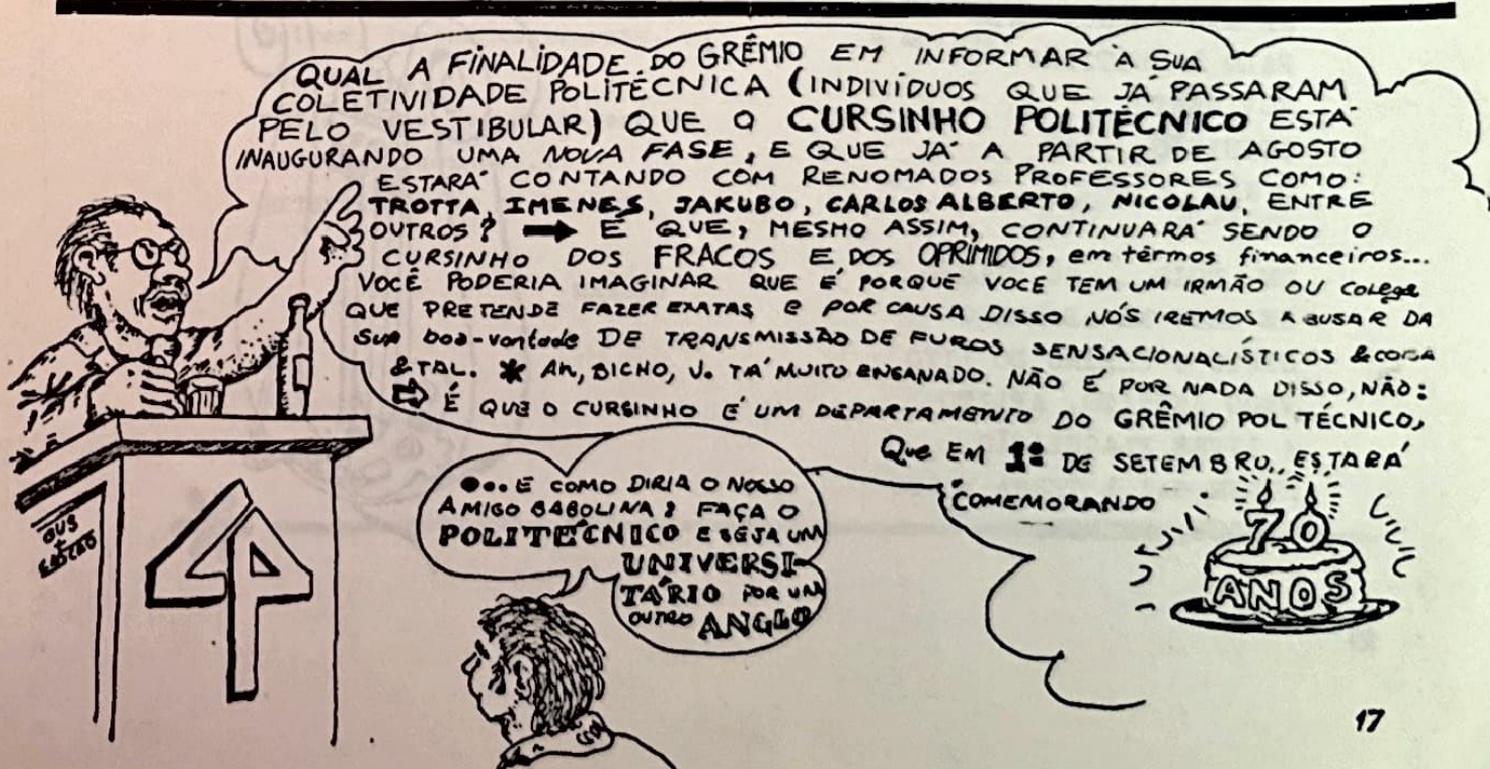
Vivemos um estado de exceção, pois só um regime austero e sóbrio nos poderá tirar do subdesenvolvimento.

E como os casos não podem existir, a opinião pública não precisa estar informada a respeito deles, por isso, a imprensa é dispensável.

Pode-se falar qualquer coisa, desde que tudo bem e com consentimento de ambas as partes.

NOTAS:

- 1) Partido ao qual pertence Edward Kennedy. Seu candidato em 72 foi George Mc Govern.
- 2) Principal conselheiro da presidência. É acusado da tentativa de abafar a conspiração, entre outras coisas foi ele quem conduziu falsamente a investigação do próprio caso.
- 3) Os cinco espíões flagrados e mais dois integrantes do Comitê de Reeleição do Presidente, funcionários da Casa Branca: G. Gordon Liddy e Howard Hunt.
- 4) Ex-procurador geral durante a primeira administração de Nixon.
- 5) Ex-chefe do staff da Presidência (equivalente a chefe da Casa Civil) um dos homens mais poderosos do Governo. Acusado de liderar a conspiração.
- 6) Principal conselheiro para assunto domésticos da presidência
- 7) Ex-diretor interino do FBI. Mantinha contato com Dean e chegou a mandar queimar documentos incriminadores dos envolvidos.
- 8) Ex-funcionário da Rand Corporation. Respondeu processo por ter divulgado em 1972 ao New York Times os famosos "Documentos do Pentágono" sobre as estratégias da Guerra do Vietna.
- 9) Tribunal constituído pelo Senado que em julgamento poderia demitir o presidente. O vice presidente assumiria o cargo.



A LIRA

OPRESSÃO

UM, DOIS UM MILHÃO
DE VIVO EM MIM MESMO
HÁ A INTENÇÃO
O PROJETO NÃO CONCLUÍDO
DA BALA EM ASCENSÃO
DA SUBCONDIÇÃO
DA ALIENAÇÃO
DO DISVIRTUAMENTO DA
INFORMAÇÃO
UM, DOIS....UM MILHÃO

HOJE NÃO LEIO
FALO, CALO
GRITO UM CANTO
CÃO MORTO
CHORO DESVAIRADO
DO ÚLTIMO ANEL
DA CONFIGURAÇÃO
UM, DOIS....UM MILHÃO

NA RUA VEJO
O QUE DE TEMPO ME DÁ
SE NÃO PENSO, CALO
FALO À MULTIDÃO
MOVIMENTO
POLUIÇÃO
O NÃO

UM, DOIS....UM MILHÃO
SE LEIO ME ABORREÇO
SINTO O CHEIRO DO LIXO
VEJO ATÔNITO, AFLITO
A LIVRE FLAGELAÇÃO
HOMEM CAI A TERRA MORTO
SANGUE, FERMENTO

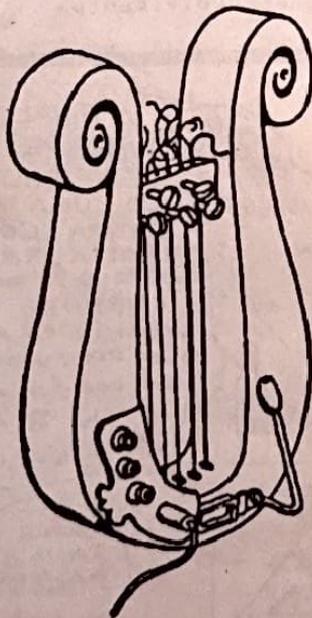
ADUBO PRO CHÃO
UM, DOIS....UM MILHÃO

JÁ É DIA
A CLARIDADE DO SOL SE ME
APRESENTA
UMA CHANCE
FICO, FAÇO
GRITO NOVAMENTE
O VERDE DAS PLANTAS
NO ASFALTO DO CHÃO
O NASCER DE UMA IDEIA
MORTE À ILUSÃO
GRITO NOVAMENTE
UM, DOIS....UM MILHÃO

ESTOU SÓ, SOLIDÃO
MAS NÃO!
OLHO AO LARGO E VEJO GENTE
SANGUE, CEREBRO, MÃO, UNIÃO

UM, DOIS....UM MILHÃO
JÁ É NOITE
FIM NATURAL DE TODO DIA
VEJO NA BRANCURA DA PAZ
O VULTO NEGRO DA OPRESSÃO
UM, DOIS....UM MILHÃO

Otávio



PROTEÇÃO

A luz nos protege das trevas
como o som nos protege dos
silencios que tememos
corpos se envolvem em cober-
tas
protegendo-se do frio, e sem
saber, do medo.

Uma porta trancada
nos protege do estranho, do
outro lado

a ânsia de felicidade nos
propõe soluções
que a nossa insegurança nos
protege de por em prática
o bem nos protege do mal.
Indicando-nos os caminhos ce-
gos que devemos seguir

Os que têm medo da morte,
se protegem, com a esperança
de uma vida melhor depois;
Talvez, inconscientemente, es-
tes saibam,
que a morte nos protegerá da
vida para sempre....

SETE PALMOS DE PROTEÇÃO!

MARCIO

"RUMO"

Eu poderia
mergulhar em meu próprio
interior,
mergulhar para fora do u-
niverso,
calar a boca pelo medo
de dizer algo da verdade

Eu poderia
fechar meus olhos para a
flor,
ou desistir de fazer este
verso,
sentir o gosto azedo
de pisar a felicidade

Eu poderia escalar o mundo
mas a luta é melhor,
é melhor,
é melhor.

maio, 73

ALFREDO



O SONHO



Lra uma vez, um menino cha-

mado Joãozinho Politécnico; duran-
te uma aula, encontrava-se no fun-
do da classe. Raios de sol, fura-
vam as persianas e iam morrer mor-
nos no rosto de nosso herói.

Suas palpebras pesavam, e
não resistindo ao sono, adormeceu

Pouco depois veio-lo diri-
gindo-se ao Bar do Belo para um
lanche. Nas proximidades, chega a
suas narinas um cheiro delicioso
tal e qual a comida de sua mãe.

Joãozinho aperta o passo, a
gora atentamente procura a origem
do cheiro provocante. Desapercebi-
damente, encontra-se diante do
Bar do Belo.

Estranha, mas cautelosa-
mente entra ...

Ai então a surpresa é total
o pequeno bar do Belo sofreu uma
revolução, agora é o RESTAURANTE
I LI-BELO. Estontado, Joãozinho,
nota que todos os seus colegas se
encontram lá almoçando. Le imedia-
to, compra uma ficha e junta-se a
eles. Quando chega a comida, João-
zinho aspira profundamente aquele
delicioso aroma que sobe da comi-
da e não consegue acreditar que
está tendo um belo-almoço. De sú-
bito, algo o incomoda, algo como
um cutucão, logo mais outro, por-
que não o deixam comer em paz?

No instante seguinte, o pra-
to, a comida, os colegas, tudo en-
fim, some, e surge a sua frente o
rosto de seu amigo. Acontece que
ele dormia e tudo não passava de
um sonho.

Acordando, Joãozinho correu
até o Belo, e ele continuava lá
do mesmo jeito de sempre.

Ele estava com fome e não
queria comer sanduiche, começou a
pensar nas possibilidades, e che-
gou a seguinte conclusão: no IPT
não tinha ficha para o almoço, no
CRUSP seria heroísmo, outros res-
taurantes eram longes; e como o
circular é raro, e as caronas ma-
is ainda, teria que ir a pé. En-
tão, resignado, entrou no Belo, pa-
ra comer o tradicional lanche. En-
quanto come o seu sanduiche pensa

Até quando vai durar esta
situação?

É consenso de muita gente a má quali-
dade e precárias condições higiêni-
cas de muitos restaurantes e lanchon-
etes aqui da C.U. - exceto, é claro
alguns como o da História-Geografia
que contrabalançam a qualidade no
preço. Nós aqui da Poli, que temos
como unidade centralizadora o Biênio
contamos com o famoso Bar do Belo. É
inegável apontar a boa qualidade dos
lanches e o preço aquém da tabela (vi-
de outras lanchonetes) que o Belo -
proporciona; mas não dá para escon-
der, também, uma certa insatisfação
higiênico-visual que as instalações
do Bar do Belo apresentam.

Então a equipe do P-C foi bater
um papo com o Durval, que realmente
é o dono. Muito seguro de si ele res-
pondia: "Fico meio chateado por ter
visto por aí alguns cartazes criti-
cando a nossa condição higiênica. Me
diz uma coisa - quem não gostaria de
ter um bar aladrilhado, com todas as
condições necessárias? Só que é o sa-
guinte: essa lanchonete não é minha
pertence ao Coseas, eu pago aluguel,
eles é que devem zelar por este imó-
vel. Intenção eu tenho, mas eles di-
ficultam tudo. Porém uma coisa es-
tou tranquilo: tudo o que faço aqui
é de boa qualidade, e na comida a hi-
giene não falta."

É verdade Durval, que voce tem in-
tenções de fazer um restaurante?

"Quem é que não gostaria? Muita -
gente me pergunta. Só que se eu qui-
zesse fazer, o dinheiro sairia do
meu bolso. Mas como a gente trabalha
agora na base de contrato bienal com
o Coseas, eu poderia perder a concor-
rência quando o contrato expirasse .
E como é que eu ficaria?"

Bem, parece que realmente o Dur-
val não é tão culpado assim como se
pensa. As responsabilidades parecem
cair no COSEAS, que não mostra muito
interesse em fiscalizar esse tipo
de coisas... ou está mostrando?

Depois da entrevista do Dr. Iri-
neu Strenger para o Policampus, o Co-
seas mandou um comunicado a todos os
Centros Acadêmicos da USP pedindo -
que enviassem representantes para -
formar uma comissão fiscalizadora de
bares, restaurantes e lanchonetes da
C.U. (vide B.I.).

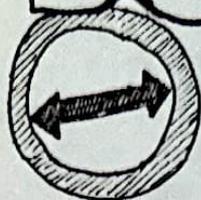
Esta é uma medida que mostra que
uma participação crítica nossa, nos
problemas que diretamente nos atin-
gem surtem efeitos mais consequentes.



...ACABOU

DUPLO SENTIDO

GILBERTO GIL



De tênis e camiseta ele foi chegando, magro, só com o violão debaixo do braço. mil e quinhentas a duas mil pessoas aglomeradas no anfiteatro do Biênio (que com as cadeiras tem capacidade para 300 pessoas) viram Gilberto Gil no mês passado durante três horas, cantar cerca de trinta músicas num show muito informal e aberto, onde falou sobre censura, religião, intelectualismo e até disco-voador.

O show, sendo realização de todos os centros acadêmicos da USP, juntou estudantes de todas as faculdades. O pessoal foi chegando, sentando, se arranjando em qualquer lugarzinho e no fim, teve gente empuleirada até nas janelas do anfiteatro. No decorrer do show esboçou-se um diálogo, mas o pessoal queria mesmo era ouvi-lo... e bem alto, pois a turma que ficou lá fora ghegou a gritar "fala mais alto!".

Não obstante o tamanho do espetáculo (a certa altura, a bunda se confundia com o cimento) Gil mostrou muita versatilidade no encaminhamento do show, pois conseguiu não cansar| ora comandava um refrãozinho, ora propiciava palmas ou ainda dava um showzinho particular de dança no AFOCHÉ.

Nascido em Ituaçu, interior da Bahia, filho de um dos dois médicos da cidade, estudou 8 anos básicos em colégio de padres e cursou em Salvador a Faculdade de Administração de empresas. Gil porém só iniciou a Escalada que o colocaria na posição atual em 1965, quando cruzou a Rio-Bahia e veio para São Paulo casado (não fazia nem duas semanas) com Belina, sua primeira mulher, mãe de suas

duas filhas Narinha e Marília. Mas Gil veio para São Paulo para fazer um teste na Gessy-Lever. Trabalhou um ano lá, "mas já sabia que o meu negócio era música" Ficou três meses na Lintas 3. "vendo como era a publicidade moderna". Aí, entra na peça "Arena Conta Bahia", Elis grava "Louvação", que estava; começa a cantar na televisão, depois um show com Vinicius e Bethânia no Rio, grava seu primeiro disco em 66 na Philips. Em 67 separa-se de Belina e começa a viver com Nana: "a gente ficou também um tempo e daí percebeu que

não dava mais". Hoje é casado com Sandra que lhe deu um filho - Pedrão.

Fomos encontrar Gil lá no teatro das Nações onde batemos um papo comprido no camarim de 2 por 1,30 m ao som lá no fundo do ensaio do Caetano e regados por um cheirinho de incenso.



POLICAMPUS - Gil, como é que você encara o seu status na MPB?

GIL - Não sei não. Me parece que existo assim numa faixa sofisticada, elite um pouco de vanguarda, todos esses rótulos que tem por aí. Porém, eu não procuro assumir essas classificações. Embora eu pertença a uma classe social, por isso mesmo minha música resulta desse e para esse tipo de meio, cê tá entendendo?

P - Digamos assim, classe média...

G - É. classe média A, por que não? Pequena-burguesia. Eu falo isso por causa dos meus próprios condicionamentos, meus valores de classe. A minha aproximação com a existência, / com a realidade, se dá muito mais / através dos valores dessa classe. Embora eu trabalhe abstratamente para todo mundo. Eu faço música para / o mundo, entende?

P - Como você vê a situação da nossa música atualmente?

G - Essa é uma pergunta meio absurda que todo mundo me faz. A situação da nossa música é a situação que está / aí. Quer dizer, eu não sou um estu-dioso, eu não faço sociologia musical eu faço música, cê tá entendendo, embora uma certa dose de visão crítica também exista no meu trabalho...

P - É que você é um pilar dentro da...

G - Pronto! Aí é que tá, eu não sei o que está em cima. Eu estou sustentando a minha parte e eu acho que os outros estão fazendo as deles... o / problema é que... como é que estão / as relações industriais na MPB? aí é uma pergunta mais objetiva, cê tá / entendendo, são perguntas mais técnicas que talvez eu pudesse responder, talvez não. Poderiam ser levantadas / várias perguntas: que discos vendem mais, aumentou o interesse por músicas mais sofisticadas, quais re -

lações trabalhistas... todas essas / coisas. Mas não são perguntas que o artista deva responder, esse é um / trabalho que vocês devem fazer.

P - Tá legal Gil, mas nós não queremos que você dê uma visão técnica / da MPB e sim expresse sua opinião / pessoal.

G - Mas é que quando você fala de / MPB você está falando de uma abstração que só se torna concreta nas / suas várias partes. São vários estilos, vários tipos de instituições, as companhias gravadoras, as rádios, os artistas, o público, os consumidores, cê tá entendendo, é complexo.

O fato da música ter desaparecido da televisão, onde ela ocupava 80% da programação e hoje ela ocupa exatamente a proporção oposta, 10 a 15%. Tudo isso mostra que houve uma mudança...

P - Então especificando, o sentido / crítico de uma época era maior do / que agora ou não?

G - É só ver o que ocorreu de fato / dentro dos fenômenos musicais, das / transformações que houveram. Vocês / analisem a seis ou sete anos atrás o entusiasmo dos festivais, aquela visão catalisadora que reunia todas as tendências, o público... e que hoje / não existem mais. O fato da música / ter desaparecido praticamente da televisão, onde ela ocupava 80% da programação e hoje ela ocupa exatamente a proporção oposta, 10 a 15%. Tudo / isso mostra que houve uma mudança e a gente não pode analisar de maneira simplista, direta. Por outro lado, a música continua sendo a coisa que / mais interessa ao público brasileiro. Uma pesquisa recente demonstrou isso. Depois é que vem o futebol. Então é / tudo isso...

P - Gil, quem você acha que desenvolve um trabalho importante ou pelo menos honesto na MPB?

G - Aí é que tá, seria o caso de estabelecer que tipo de importância e honesto em que sentido. Quer dizer, é difícil. Mesmo que o cara que tá preocupado em ganhar dinheiro, em fazer um trabalho comercial, não tá isento de uma certa sensibilidade. Mas aí também, você tem que cobrar de pessoas coisas que elas não têm. Por exemplo, cobrar dessas pessoas instrução que elas não tem, senso ideológico - que elas não tem, consciência social - que elas não tem, cê tá entendendo? Então tem uma porrada de coisas. A diferença de importância é mínima. Então não tem sentido esse confronto. Quem é mais honesto? É Chico, porque briga com a censura ou é o J. Ben, porque não briga, cê tá entendendo?

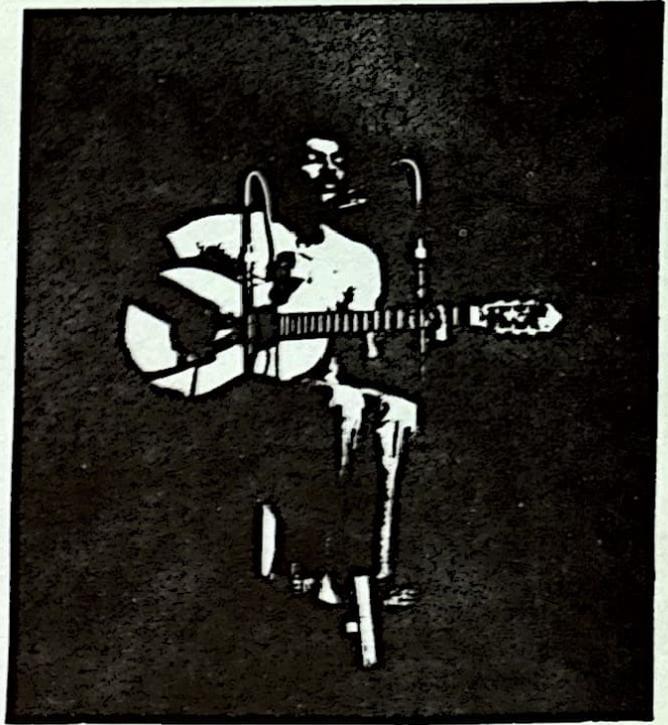
P - Tá legal, mas a gente não pode - por um critério? senão todo mundo é honesto, não existe desonesto...

G - ... Em princípio é assim. Só cada um lá dentro de si é que sabe. Não é?

P - Mas no show você falou de "Hei - Shazam" numa tentativa de ridicularizar esse tipo de trabalho, um valor, digamos assim, desonesto...

G - Não eu não estou dando valor, eu estou dizendo o que eles diriam. Por exemplo, quando na música eu canto Oriente, eu faço um diálogo... eu sou eu cantando aquilo e os outros são os que numa certa medida estão contra mim. Então sou eu dizendo como é que eles são, entende?

P - Mas no Show, pela maneira que você coloca as coisas, parece que você dá valores...



G - Claro, eu sou um valor, eles são outros. Não é isso? Eu tô fazendo uma coisa, eles tão fazendo outra, quer dizer, eu estou tirando o véu - que encobre certas coisas da realidade, enquanto eles não. Eles estão querendo que eu deixe aquele véu ali.

Agora, se eu for tomar uma atitude política de assumir qual é o melhor, quer dizer, dentro de uma visão de luta, quando eu for defender o meu lado aí então é outra coisa. Mas apenas eu estou constatando o fato de que existem coisas e deixando que vocês valorem, cê tá entendendo?

Eu não vou me atribuir valor, eu vou me atribuir uma realidade. Eu sou assim, o valor que isso tem relativo às outras coisas é relativo às outras coisas e às outras pessoas. É mesma coisa, na véspera no show do Pinheiros eu tava lá fazendo um trabalho praticamente semelhante aquele que eu fiz lá na USP e eu fui absolutamente rejeitado...

GIL

P - Mas por outras condições, não é? Eles não rejeitaram o teu trabalho, o Gilberto Gil e sim o fato de voce ter interrompido o baile e a turma - tava pra paquerar e coisa e tal.

G - Mas não era disso que eu tava falando. Existem formas diferentes de valorar as coisas. É isso, naquele momento ali no Pinheiros eu não tinha o valor que eu tinha no outro dia lá na faculdade.

P - Voce sabe que pra nós esse show foi uma coisa importante. O pessoal comentou muito, quer dizer, marcou a semana. Agora pra voce, ver todo aquele público reunido, quase 2000 estudantes, o que significou tudo aquilo?

G - É mais uma experiência que vem - se repetindo na minha vida de artista. Não é a primeira vez, outro dia eu tive um público praticamente igual na ilha do Fundão no R.J., na USP de lá. Outro dia foi em Niterói, na Universidade Fluminense, e fiz um show do tipo daquele, quer dizer, na hora que eu tava indo pro show o rapaz que acertou comigo me perguntou: Por que é que voce está vindo fazer o show? Eu disse que vim porque voces me pediram, acharam que era uma

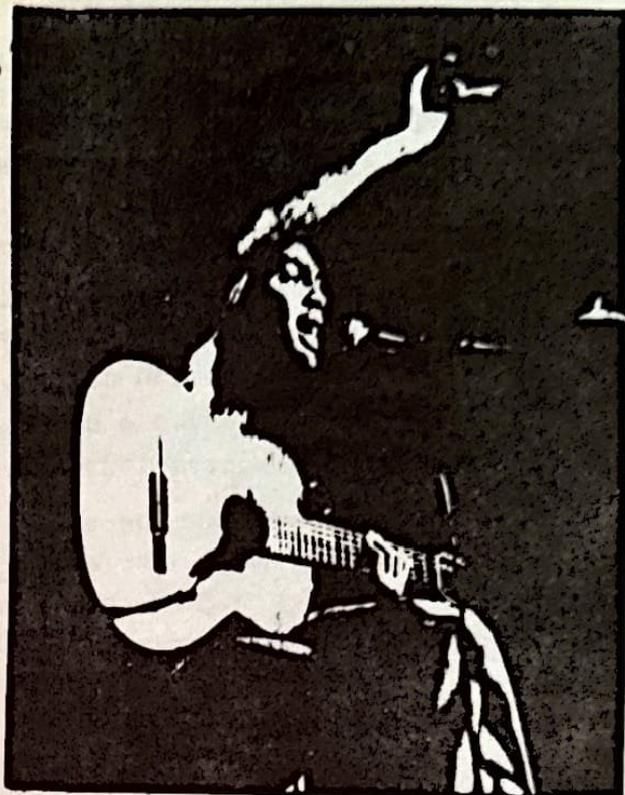


coisa importante e eu tinha como a - tender o pedido e não era uma coisa para qual eu estivesse impedido por outras razões, quer dizer, havia tempo, havia condições pra eu vir então eu vim, quer dizer, voces são estudantes e existe nisso uma coisa que já me sensibiliza porque eu também fui e eu sei o tipo de expectativa que - habita voces em relação a toda essa coisa de movimentação cultural, ver coisas acontecendo em torno da cultura e da ciência, cê tá entendendo? , eu sei que voces estão sempre preocupados com isso, então satisfazer uma possibilidade de contato que voces - querem ter, pra mim é importante , quer dizer, é assim que eu vejo, é uma atitude de solidariedade a todos os níveis de ambição do estudante , quer dizer é uma forma de ser legal num momento em que a gente sabe que tá tudo tão difícil, né?

A Universidade talvez seja a coisa mais dramática, mais difícil hoje dentro da estrutura, né?, porque é o polo de discórdia total, onde as pessoas "vão em busca de Deus, sendo obrigados a servir ao Diabo", quer dizer, a Universidade é a procura do saber onde ele vem a serviço da mentira, quer dizer, a Universidade hoje é uma mentira, né? É uma barra eu sei que tem esse drama todo lá, quer dizer, a vida universitária é uma coisa trágica...

P - Por que é uma mentira?

G - Ave Maria, por quê?...eu não vou dizer isso e deixo pra você pensar , é uma frase pra você meditar, a U. hoje é feita pra que? Para formar técnicos cada vez mais especializados. A Universidade é um lugar onde você vai aprender cada vez mais sobre cada vez*menos.



P- é o nosso remédio, nosso unico remédio...

G- Não, eu diria que é mais um veneno. Por que nosso único remédio?

P- quer dizer, é a nossa alternativa.

G- é a sua, mas não é a unica.

P- claro, não é a unica...

G- Portanto, como não é a unica, pode ser equivocada, 'cê tá entendendo porque pode ser que a alternativa mais verdadeira, mais eficaz, não esteja ali, simplesmente você pode estar ali equivocado. Eu por exemplo, fiquei na Universidade 5 anos e depois entendi que nela não havia nada daquilo que eu buscava na vida, em termos utilitários a Universidade ficou sendo nada para mim, eu me formei e não aconteceu nada.

P- Vê se você concorda, Gil, a universidade deveria ser um centro criador de cultura e arte e não um centro preservador de cultura, como acontece hoje.

G- Claro, Basta dizer isto, a Universidade passou a ser um lugar de especialização em certas técnicas que são adotadas pelo sistema para

criar produção, enquanto que o sentido da Universidade é outro. A Universidade nos padrões clássicos, clássico no sentido positivo e não no sentido pejorativo, era assim. Exatamente a gente vê que houve uma decadência e não um desenvolvimento. A Universidade era um lugar onde você iria procurar todos os caminhos que pudessem ser procurados.

A Universidade talvez seja a coisa mais dramática, mais difícil hoje dentro da estrutura, né? Porque é o pólo de discordância total, onde as pessoas "vão em busca de Deus, sendo obrigadas a servirem ao Diabo"

E hoje não é isso, embora ela possa parecer no sonho de quem vai pra lá, quem estuda lá. Você vai estudar Engenharia, por exemplo, você vai estudar o que? Você vai estudar certos cálculos, vai aprender certas fórmulas de administrar certas coisas, mas você não vai... O que a escola de engenharia lhe oferece em termos de visão global do homem, visão social, tá entendendo, religiosa, humana, pá, pá... nada. Lhe dá um monte de números, fórmulas, calculo, umas máquinas e fim de papo. Você não sai da faculdade de engenharia habilitado a fazer mais nada a não ser construir edifícios. Tudo isso enquanto a Universidade deveria preparar você pra qualquer coisa...

P- A gente sentiu no seu show na USP que você estava informal e aberto, - falando desde questões religiosas - até disco voador. Foi uma necessidade de desmistificação?

G- Pintou em determinado momento que eu vi uma menina com quem já havia conversado sobre essa área dessa fenomenologia moderna dos discos voadores. Não havia nada determinado para se falar ali. Inclusive os meninos

GIL

deixaram bem claro, que eu ficasse à vontade.

P - "O Sonho Acabou", John Lennon já dizia...

G - John Lennon é John Lennon e Gilberto Gil é Gilberto Gil. E eu não estou numa outra não, nem excluindo a perspectiva dele. Ele também é um artista popular, também ele esteve ligado a uma coisa parecida de envolvimento em relação ao público, cultura, sistema da mesma forma que nós estivemos. Eram cobradas dele certas respostas do mesmo modo que são cobradas de mim



Eu tinha de me pronunciar a respeito da fenomenologia moderna e tudo mais, da qual o Lennon tinha sido um dos responsáveis, pelo desencadeamento, cê tá entendendo?, da mesma forma que eu aqui no Brasil; então nós estávamos numa posição, numa certa medida parecida, daquele negócio de ídolo e inovador e revolucionário, todos esses negócios... e o Sonho Acabou é uma espécie de pequeno manifesto a respeito.

P - Com relação ao seu show lá na USP houve uma certa polêmica em termos de bate-papos, porque as opiniões a seu respeito são contrárias e muitos te acharam contraditórios e até incoeren-

te, diríamos assim um duplo sentido...

G - Mas é lógico, claro.. mas é isso mesmo. A terra gira em torno de dois centros elípticos, nós temos dois olhos, duas pernas, dois braços, entende? Tudo tem um dois: noite e dia, homem e mulher, longe e perto... Mas é isso, eu estou errado e estou certo, cê tá entendendo?, estou uno e dividido, estou coerente e contraditório...

P - Mas, Gil voce concorda que esse tipo de atitude não pode haver em termos gerais. Por exemplo, um ideal que uma pessoa tenha não pode vir acompanhado de atitudes a favor ou contra, assim...

G - Sim, claro. Mas voce está falando de ideais, de ação e eu estou falando de uma visão sobre a realidade. Isso é diferente. O que eu vejo é tudo duplo.

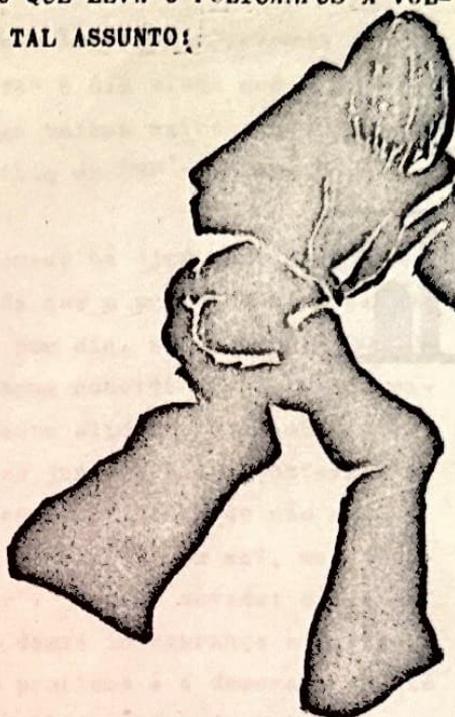
P - Mas então voce tem uma posição - que é uma unidade...

G - Eu sou uno. Eu sou eu. Penso sobre as coisas e quando penso tenho sentido de discernimento do verdadeiro e do falso, do certo e do errado. Eu tenho meus critérios de bem e de mal. Agora, eu sei que existe o bem e o mal. Por exemplo, lá no show as pessoas pediram para eu dizer sobre a minha visão das coisas, e não para dizer do que eu acho das coisas. É muito diferente, cê tá entendendo?

Agora tem certas pessoas que acham que o cantor tem que dizer na sua música o que acha disso, ou da -

Eu pertencço a nenhum partido. O que as pessoas cobravam de mim era uma coerência política que eu não tenho, porque eu não sou político.

MOTIVO QUE LEVA O POLICAMPUS A VOL-
TAR A TAL ASSUNTO!



CARONA!

Pelo depoimento de alguns estudan-
tes a carona torna-se difícil.

Os carros passam, as horas pas-
sam, os minutos também, os segundos
idem, e etc., etc....., o dedão esti-
cado e nada de carona.

POR QUÊ ESTA SITUAÇÃO?

Estivemos conversando com caras
que possuem carro, segundo declara-
ções dos próprios pudemos extrair:

Policampus - Você dá carona?

* Sim. É só alguém esticar o de-
dão que eu paro e... só não paro -
quando vou a um local perto, digo,-
próximo dali.

Policampus - Você acha importan-
te dar carona?

* Sim, porque se estivesse no -

conhecendo novos colegas e quem sa-
be fazer novas amizades.

BEM, OU O DEPOIMENTO É FALSO OU
AS PERGUNTAS NÃO FORAM RESPONDIDAS
SINCERAMENTE.

Resolvemos então pedir carona e
ao pedir carona atentamos para alguns
fatos: realmente, de cada dez car--
ros vazios que passavam, dois para-
vam. E os outros oito? Ora, iriam -
para um local muito próximo dali.

Decidimos então pedir carona na
saida da Cidade Universitária (CRPE)
onde os locais muito próximos dali'
estavam excluídos.

SURPRESA!!! DE CADA DEZ, DOIS
PARAVAM!

Então fomos conversar novamente
com os caras de carro:

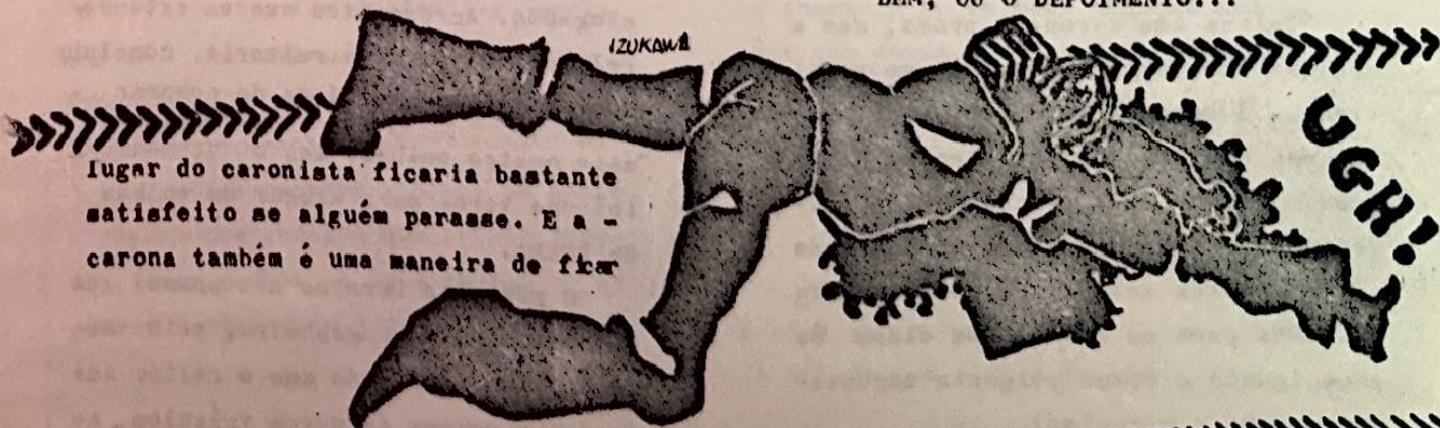
Policampus - Olha, cá prá nós
você dá mesmo carona?

* Sim (agora "sincero"). É só al-
guém esticar o dedão e...

Policampus - Cá prá nós, é im-
portante dar carona?

* sim (novamente "sincero"). Por-
que se estivesse no lugar dele...

BEM, OU O DEPOIMENTO...



lugar do caronista ficaria bastante
satisfeito se alguém parasse. E a -
carona também é uma maneira de ficar

CIRCULAR:

COMPRAR

o

ALUGAR

São 7 h. O Estudante da USP desce na Paineira. O ônibus lhe pareceu mais cheio do que ontem e amanhã lhe parecerá mais cheio do que hoje. Suando, sentindo-se oprimido e estraçalhado, endireita o corpo e pensa na aula que provavelmente não irá assistir. Não há mais calor. Agora está frio, a neblina ainda paira sobre a supercap. O blusão da escola é fechado, as mãos / no bolso, o livro embaixo do braço e começa a andar.

Ele vai andar 400 metros para pegar o circular. Mais calor. Mais compressão.

"Talvez uma carona", pensa, mas a neblina não permite (e mesmo se permitisse...) Devagar se aproxima do ponto, mas não está só, existem milhares iguais a ele. Pára, encolhe o corpo, levanta a gola do blusão, a espera de cinco minutos que sempre parecem quinze. Olha para os lados, nos olhos de seus iguais a mesma pergunta angustiante: Cadê o circular?

Quem responde a isso é o Engenheiro Balbi, chefe do Departamento de Transportes e manutenção da Prefeitura da Cidade Universitária, em entrevista ao Policampus, e o prefeito da Cidade Universitária, o arquiteto -- Luciano Bermine, em entrevista ao jornal "A folha de São Paulo" do dia ... 10/06/73.

Segundo o engenheiro Balbi, a prefeitura da Cidade Universitária, possui 12 ônibus, mas quase que oito deles estão em estado precário de conservação e quase sempre estão nas oficinas, além disso possui mais quatro ônibus/alugados. Acrescentou que em extenso relatório enviado à reitoria, concluiu que havia a necessidade de comprar -- mais quatro ônibus, mas o que recebeu foi uma verba para alugar os ônibus / da BRENDA.

O prefeito Bermine não possui os mesmos dados do engenheiro, pois segundo ele "como todo ano o reitor autoriza a compra de novos veículos, a-

credito que brevemente teremos carros de reserva" e diz ainda que a prefeitura aluga onibus extras, somente quando os onibus da USP precisam de consertos.

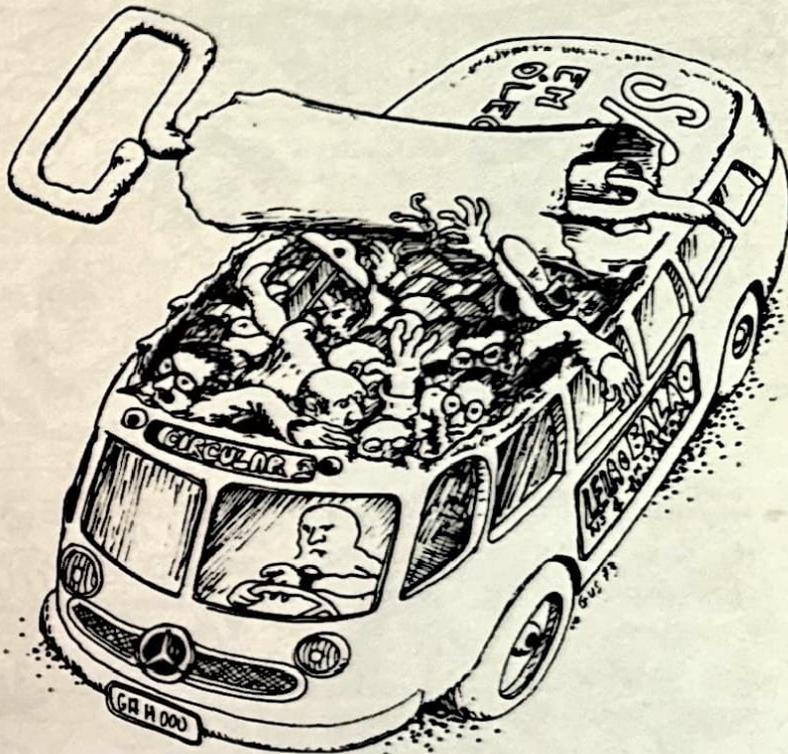
Lançou-se há dias uma informação na USP, de que o preço do aluguel por onibus e por dia, seria de R\$ 800,00. O Policampus considerando o preço excessivamente alto, e procurando esclarecimentos junto a Balbi, obteve a seguinte resposta: "Isto eu não sei" e segundos depois "É, eu sei, mas não vou dizer". Fica a dúvida: o que há por trás dessa insegurança e sigilo??

Outro problema é a demora no ponto.

Para Balbi, mostrando tabelas, etc. os horários são feitos por base em estatísticas, sendo que nos horários de maior movimento, as saídas são de cinco em cinco minutos. Mas de acordo com o prefeito o onibus parte de dez em dez minutos. É fácil ver que ambos não andam de circular pois a demora em geral é muito maior em qualquer horário.

Referindo-se à polêmica criada em relação à extinção do circular, esta foi negada por Balbi, que admitiu a hipótese de a CMTC, tomar conta do Transporte no campus, financiada pela Reitoria, sendo que esse transporte continuaria sendo mantido gratuitamente. Se isso se confirma, e caso tivéssemos problemas com o circular, teríamos de fazer nossas reclamações diretamente à CMTC. Que força teríamos junto a essa companhia.?

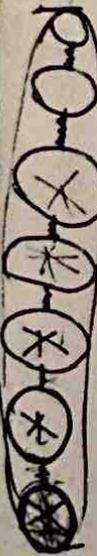
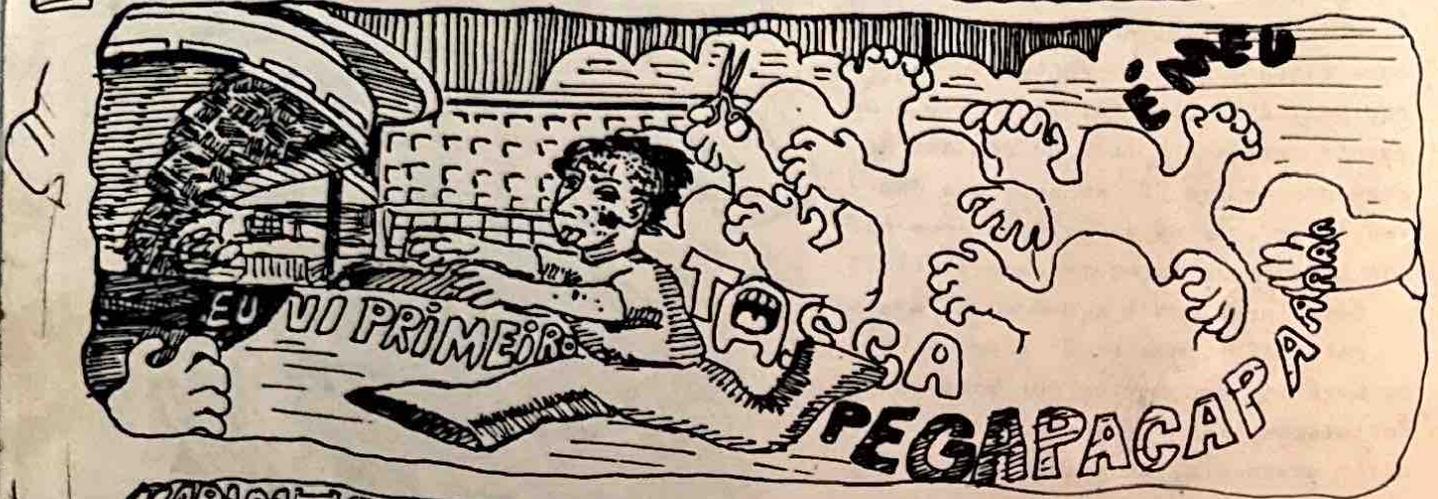
Quanto a recente mudança de ponto, o engenheiro cogitou que a CMTC poderia fazer passar os seus onibus e as outras linhas pelo local do novo ponto.



Por fim podemos concluir que o transporte no Campus está mal, e que não há possibilidades de melhora, a não ser que o reitor ordene a compra dos novos onibus, e quanto aos 400 metros, o departamento de Transportes da CU está aberto a sugestões. Algumas soluções que devem ser estudadas são:

1) Fazer com que o circular passe pela Paineira, mantendo-se assim o seu atual ponto.

2) A transferência do ponto final para o Largo de Pinheiros, exigência já antiga dos alunos da USP.



O 70º ANIVERSÁRIO DO GRÊMIO
JEMAI. MAS POR FAVOR, NÃO
ESPERE SENTADO. É SÓ NO DIA
12 DE SETEMBRO. ATÉ LÁ DA
PRA FAZER MUITA COISA. MUITO
MAIS DO QUE CABE AQUI EMBAIXO.

CUDHU

Em setembro, por ocasião do 70º aniversário de fundação, o Grêmio Politécnico promoverá entre outras coisas o 3º CUDHU - Concurso Universitário de Desenho de Humor. A razão é a de incentivar a produção dessas manifestações artísticas dentro da nossa adormecida cultura universitária.

Os 1º e 2º CUDHUS contaram com cerca de 40 trabalhos cada, recebendo inclusive a divulgação do "Grilo", do Pasquim, Rádio Bandeirantes, "Balão", além de vários jornais de Centros Acadêmicos. A banca julgadora do 2º CUDHU foi integrada pela Hilde Weber (cartunista do Estado de São Paulo) e pelo Zélio.

Este ano, os candidatos deverão preencher os seguintes requisitos:

- 1) Ser universitário, comprovadamente socio do Centro Acadêmico da Escola.
- 2) Apresentar no máximo 3 desenhos inéditos (Charges, Cartuns, Histórias em quadrinhos, etc.)
- 3) Os desenhos deverão ser executados em preto sobre papel branco.
- 4) Anotar no verso de cada desenho o seu nome, curso, série, Escola.
- 5) Os desenhos deverão ser encaminhados a partir de 20 de Agosto até 1 de Setembro de 1973 ao Grêmio Politécnico (Edifício J.O. Monteiro de Camargo - sala 16 - Cidade Universitária), entregues contra recibo de inscrição.
- 6) Os desenhos serão expostos a partir de 10 de Setembro na Escola Politécnica, circulando a seguir por outros locais da USP.
- 7) O julgamento dos vencedores será efetuado mediante voto ponderado dum comissão julgadora (cuja composição será divulgada oportunamente) e por votação mediante urna disposta no local da exposição.
- 8) O julgamento será realizado dia 15 de Setembro às 14 horas frente ao local de exposição.
- 9) Os desenhos participantes serão de propriedade do Grêmio Politécnico e da Revista Balão, que poderão dispor deles para eventuais publicações.
- 10) Casos omissos serão resolvidos pelo Grêmio Politécnico.

Falta ainda o artigo 11 que disporia sobre os prêmios, ainda indefinidos (provavelmente cerca de 500 cruzeiros, talvez em material de desenho.)

